

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

JEFERSON DELLARMELIN MATIELO

**JORNALISMO EM DESASTRES AMBIENTAIS: UMA REFLEXÃO
ACERCA DOS SENTIMENTOS DOS JORNALISTAS NA COBERTURA
DESSES ACONTECIMENTOS**

Frederico Westphalen, RS
2022

Jeferson Dellarmelin Matielo

**JORNALISMO EM DESASTRES AMBIENTAIS: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS
SENTIMENTOS DOS JORNALISTAS NA COBERTURA DESSES
ACONTECIMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de
Ciências da Comunicação da
Universidade Federal de Santa Maria,
Campus Frederico Westphalen.

Orientador(a): Prof. Dr. Reges Toni Schwaab

Frederico Westphalen, RS
2022

Jeferson Dellarmelin Matielo

**JORNALISMO EM DESASTRES AMBIENTAIS: UMA REFLEXÃO A CERCA DO
SENTIMENTOS DOS JORNALISTAS NA COBERTURA DESSES
ACONTECIMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de
Ciências da Comunicação da
Universidade Federal de Santa Maria,
Campus Frederico Westphalen.

Aprovado em ___ de _____ de 2022.

**Reges Toni Schwaab, Dr (UFSM)
(Presidente/ Orientador)**

Felipe Boff, Mestre (Unisinos/POSCOM-UFSM)

Andrea Weber, Dra (UFSM)

Angela Zamin, Dra (UFSM) (Suplente)

Frederico Westphalen, RS
2022

Dedico esse trabalho a Paula Geralda Alves, por imensa coragem e compaixão, que ao saber do rompimento da barragem, subiu em sua biz e correu para salvar o seu povo. Meu imenso respeito e admiração.

AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço para citar as pessoas que são importantes na minha vida e que foram necessárias para a realização da minha graduação.

Gostaria, inicialmente, de agradecer a Deus e aos meus pais, Jovilde Dellarmelin Matielo e Orivalde Antonio Matielo, por acreditarem e me apoiarem em todas as minhas decisões. Sem a base da minha família, eu não seria nada. Amo vocês infinitamente.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, me fazendo rir e me dando um ombro solidário quando necessário. Agradeço infinitamente por não deixarem trancar meu curso nos períodos em que eu estava em grande surto. Agradeço pelas partidas de LOL, as vezes mais estressantes que nunca, onde demos várias risadas e fizeram com que eu pudesse me distrair de tudo que estava acontecendo. Agradeço também às minhas duas amigas/irmãs que a universidade me deu, elas irão se identificar, por sempre estarem do meu lado, me apoiarem e embarcarem em minhas loucuras. Por fim, a minha melhor amiga de infância que nunca saiu do meu lado, além de ser meu porto seguro, é minha irmã de outra mãe.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Reges Toni Schwaab, por todo o auxílio durante toda a minha graduação, em especial no período de construção deste trabalho.

RESUMO

JORNALISMO EM DESASTRES AMBIENTAIS: UMA REFLEXÃO A CERCA DO SENTIMENTOS DOS JORNALISTAS NA COBERTURA DESSES ACONTECIMENTOS

AUTOR: Jeferson Dellarmelin Matielo
ORIENTADOR: Prof. Dr. Reges Toni Schwaab

O presente trabalho busca compreender como os jornalistas, ao entrevistarem os sobreviventes e as testemunhas de catástrofes ambientais, elaboraram a experiência de contato com o sofrimento. A pergunta central problematiza como os jornalistas assimilam e elaboram a vivência com o sofrimento e com situações de catástrofes ambientais no contato com vítimas e testemunhas desses acontecimentos. Para a construção do trabalho, foram analisados os relatos e as percepções de três jornalistas envolvidas na apuração e no desenvolvimento de reportagens e livros-reportagem sobre o rompimento da barragem de Mariana-MG, em 2015. Na sustentação teórica, utilizo de conceitos do Jornalismo Ambiental, Jornalismo Literário e, também, reflexões sobre modos de se ver e se pensar o jornalismo. Metodologicamente, o trabalho está amparado na entrevista em profundidade, pois com ela foi possível delimitar a melhor abordagem para a realização das entrevistas com as jornalistas. O depoimento das jornalistas Consuelo Dieguez, Cristina Serra e Sabrina Duque foram essenciais para a construção desta pesquisa. Com o relato delas foi possível identificar o quanto foi exigente e impactante, para elas, ouvir tantos relatos marcados pela tristeza e como o cenário da tragédia pode ser violento também para o repórter. Como resultados, pode-se observar que o Jornalismo Ambiental e Jornalismo Literário possuem um papel importante para a cobertura jornalística da dimensão como a de Mariana. Também, ao concluir a análise das entrevistas, foi notório observar que as jornalistas ficaram sensibilizadas com todo sofrimento das vítimas e que elas perceberam que nem sempre estão preparadas para essas situações

Palavras-chaves: Jornalismo Ambiental; Jornalismo Literário; Sentimento dos jornalistas; Cobertura de tragédia.

ABSTRACT

JOURNALISM IN ENVIRONMENTAL DISASTERS: A REFLECTION ABOUT THE FEELINGS OF JOURNALISTS IN COVERING THESE EVENTS

AUTHOR: Jeferson Dellarmelin Matielo
ADVISOR: Prof. Dr. Reges Toni Schwaab

This work aims to understand how journalists elaborate their own experience when then face the human suffering, interviewing survivors and witnesses of environmental catastrophes. The central question problematizes how journalists assimilate and reflect on the experience with suffering in environmental catastrophes situations considering the contact with victims and witnesses of these events. In this work we consider the reports and perceptions of three journalists involved in the investigation and development of special reports and reporting books about the rupture of a mining dam in Mariana-MG in 2015. As theoretical support, we take references about Environmental Journalism, Literary Journalism and, also, reflections on ways of seeing and thinking the journalistic practice. Methodologically, the work is supported by the in-depth interviews, the best approach to carry out the interviews with the journalists. The testimony of the journalists Consuelo Dieguez, Cristina Serra and Sabrina Duque were essential for the construction of this research. With their report, it was possible to identify how demanding and impacting it was for them to hear so many reports marked by sadness and how the scenario of the tragedy can also be violent for the reporter. As a result, it can be observed that Environmental Journalism and Literary Journalism play an important role in journalistic coverage of a dimension such as Mariana's. Also, when concluding the analysis of the interviews, it was noticeable that the journalists were touched by all the suffering of the victims and that they realized that they are not always prepared for these situations.

Word Keys: Environmental Journalism; Literary Journalism; Journalists' feelings; Tragedy coverage.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 MODOS DE VER O JORNALISMO	12
2.1.1 Jornalismo e Sentimento	15
2.2 JORNALISMO AMBIENTAL E SUAS COMPETÊNCIAS	16
2.3 JORNALISMO LITERÁRIO	21
3. PERCURSO METODOLÓGICO	26
3.1 PESQUISA QUALITATIVA	26
3.2 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	28
3.2.1 Contato com as fontes e entrevistas	31
3.3 JORNALISTAS E SUAS OBRAS	32
3.3.1 Consuelo Dieguez	32
3.3.2 Cristina Serra	34
3.3.3 Sabrina Duque	36
4 ANÁLISE	37
4.1 IDAS E VINDAS	37
4.2 OBJETIVOS REVELADOS E SENTIMENTOS QUESTIONADOS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A - MODELO DE E-MAIL ENVIADO PARA AS FONTES	54

1. INTRODUÇÃO

Deslizamentos, enchentes, secas, terremotos e outros desastres ambientais estão deixando marcas fatais no que ainda nos resta do ambiente natural. Nos últimos anos, essas catástrofes estão se tornando cada vez mais frequentes e muitas vidas estão sendo ameaçadas, tanto humanas como animais. Considerando o alto risco e a constância com que os desastres vêm ocorrendo, cabe, ao jornalismo, então, realizar coberturas para conscientizar a população da importância do cuidado com o meio ambiente.

Em casos em que o jornalismo entra em ação para prestar serviço à comunidade, sobretudo quando há perdas de vidas humanas, os profissionais estão, de certa forma, mais vulneráveis aos seus sentimentos e emoções. Daí parte o interesse desta pesquisa em buscar compreender como o jornalista, diante de um desastre, realiza o seu trabalho com tanta pluralidade. Dito isto, a seguinte problemática vem à tona: como os jornalistas assimilam e elaboram sua experiência com o sofrimento e com situações de catástrofes ambientais no contato com vítimas e testemunhas desses acontecimentos?

Os profissionais da comunicação, especificamente os jornalistas, sofrem inúmeras ameaças de toda a sociedade, que acabam por se misturarem ao sofrimento de vivenciarem e relatarem suas próprias dores, diante a todos os ataques, às exigências e os desafios da profissão. De modo a responder o questionamento da pesquisa, define-se como objetivo compreender como os jornalistas, ao entrevistarem os sobreviventes e testemunhas de catástrofes ambientais, elaboraram essa experiência de contato com o sofrimento. De forma mais específica, objetiva-se, neste trabalho:

1. Analisar as marcas da experiência dos jornalistas no contato com testemunhas em reportagens.
2. Entrevistar profissionais jornalistas que entrevistaram vítimas do desastre nas represas de Mariana, em Minas Gerais.
3. Entender as percepções, as sensações e as elaborações sobre seu trabalho feitas pelos profissionais a partir do contato com catástrofes e com o sofrimento das vítimas.

Para a melhor compreensão dos questionamentos citados, aborda-se, no referencial teórico, diferentes formas de ver e pensar o jornalismo em um todo, considerando os métodos e a prática da profissão. Posteriormente, é trabalhada a importância do jornalismo ambiental e como o desenvolvimento sustentável possui uma grande ligação com os acontecimentos recentes no país. Loose (2010) propõe que o Jornalismo Ambiental – JA, por ser uma questão global, cidadã e pública, deve promover ações que visem à coletividade e à melhoria da vida pública. A autora diz que o jornalismo ambiental tornou-se, ao longo do tempo, uma tentativa de “explicar as ciências da vida e da Terra por meio de uma linguagem acessível, de fácil compreensão para os leigos [...]” (LOOSE, 2010, p. 35), em que deve-se alertar toda a sociedade sobre os sinais de desgastes do meio ambiente.

Em seguida, são abordadas questões pertinentes ao Jornalismo Literário – JL, sua importância e como o mesmo auxilia a pesar a atuação em temas como o de interesse deste trabalho. Pena (2006) fala que o JL deve desenvolver maneiras de facilitar o entendimento do público sobre determinados assuntos.

Diante do exposto, a pesquisa será conduzida a partir de um estudo de caso dos sentimentos de três jornalistas mulheres ao realizarem a cobertura da tragédia em Mariana, ocorrida em novembro de 2015. Para que o estudo de caso obtenha resultados, foi realizado um levantamento dos livros - reportagens e da reportagem publicadas pelas jornalistas. Com o conteúdo em mãos, foi possível identificar e definir os procedimentos metodológicos a serem aplicados na pesquisa. A pesquisa qualitativa faz-se relevante, pois a partir dela foi possível realizar um corte temporal - espacial possibilitando delimitar o caso a ser estudado. Ainda, é por meio dela que será possível identificar os sentidos do material coletado.

Com intuito de entender os sentimentos dos jornalistas ao entrevistarem as vítimas e estarem no ambiente das tragédias, o autor tem como base da abordagem a entrevista em profundidade. É com ela que ele consegue identificar e compreender o que está sendo proposto no problema e nos objetivos acima mencionados. Com auxílio de um questionário semiestruturado, foi possível entrevistar as jornalistas para obter as informações necessárias. No percurso metodológico está apresentado quais foram as sete perguntas bases utilizadas para as entrevistas.

Após isso, será apresentado como foi realizado o contato com as entrevistadas, como se deu o processo de agendamento das entrevistas e como as mesmas aconteceram. Posteriormente, será apresentado detalhadamente quem são Cristina Serra, Consuelo Dieguez e Sabrina Duque, as fontes utilizadas para a realização desta pesquisa. Neste mesmo momento de descrição das jornalistas, são expostas as suas obras, com um breve resumo de cada uma delas.

Por fim, é chegado a parte em que será exposto a análise de todo material coletado nas entrevistas. Como será apresentado naquele capítulo, a análise foi dividida em dois blocos, para melhor separar as ideias e fazer com que o conteúdo coletado fosse melhor trabalhado pelo autor.

As temáticas discutidas na introdução serão apresentadas, nos próximos capítulos, de forma mais aprofundada. Logo a seguir, no referencial teórico, serão discutidas questões como: modos de ver o jornalismo, Jornalismo Ambiental e suas competências e Jornalismo Literário. No último capítulo, será exposto, de forma mais abrangente, o percurso de desenvolvimento do trabalho; isto é, explicando os conceitos centrais para a reflexão, bem como o objeto de estudo que será analisado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo busco trazer ao debate as definições, teorias, narrativas e maneiras de ver o jornalismo. Na primeira parte, com o auxílio dos autores Corrêa, Claudinho e Costa (2007) e Bergamo (2011), apresento brevemente a história da imprensa no Brasil e, com a ajuda de autores como Pontes (2009), Machado (2006) e Kunczik (1997), trago uma reflexão acerca do discurso, narrativa jornalística e a relação de jornalista e fonte.

Com o amparo das indagações de autores como Villar (1997), Jacobi (1999), Bueno (2007) e Girardi et al (2012) trago reflexões sobre a importância do jornalismo ambiental e sua conceitualização. Para fechar o capítulo, pesquisadores como Castro (2010) e Pena (2006) ajudaram na construção e no detalhamento sobre as questões que o Jornalismo literário aborda em nossa sociedade.

2.1 MODOS DE VER O JORNALISMO

Corrêa, Claudinho e Costa (2007) afirmam que no Brasil, a imprensa foi inaugurada somente três séculos após o primeiro jornal impresso ser registrado, que segundo historiadores, foi por volta do ano de 1597 e era chamado de “Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro” e, ele era editado em Praga. Ainda para os autores,

Com a proclamação da República ocorre uma mudança nos jornais impressos da época, já que nesse período é criada a Lei de Imprensa, surgindo juntamente à censura. Contraditoriamente é nesse mesmo período, de junção entre a aristocracia rural e a burguesia ascendente, é que os jornais amadurecem e conseguem manter a longevidade. (CORRÊA; CLAUDINHO; COSTA, 2007, p. 1)

De acordo com Bergamo (2011), no ano de 2011, no Brasil, existiam 100 mil jornalistas formados e que atuavam em jornais, televisão, revista, rádio, assessoria de ensino ou em sala de aula. O autor afirma que com a exigência do diploma, o mercado de trabalho para os jornalistas mudou gradativamente. Ele deixa claro que as redações foram as primeiras a sofrer alteração e elas começaram a se moldar com estudantes formados em jornalismo. O modo em que a redação funcionava mudou e o “saber técnico” levou os recém-formados jornalistas a serem abandonados pelos mais experientes. (BERGAMO, 2011).

Kunczik (1997) diz que há anos o jornalismo vem sendo considerado uma profissão de comunicação, mesmo que o termo comunicador seja frequentemente utilizado para indicar toda a organização dos meios de comunicação. Para o autor, seria mais fácil “definir os comunicadores como pessoas que produzem o conteúdo dos meios de comunicação dentro de uma organização [...]” (1997, p. 15). A mídia está modificando o seu modo de segmentação e especialização no papel dos comunicadores. Em alguns países, qualquer pessoa pode se considerar jornalista sem nem ter adentrado a uma sala de redação (Kunczik, 1997).

É por isso que, segundo Pontes (2009), o jornalismo conceitua-se por meio da descrição de suas funções, de sua crítica *a priori*, dos seus objetivos e rotina e também das colocações deontológicas como tipo-ideal. O autor ainda acrescenta que “a fundamentação do jornalismo é definida tomando por base conceitos da sociologia, da política, da economia e da linguagem.” (PONTES, 2009, p.160)

Segundo Hartley (1996, p. 33-34 apud PONTES, 2009, p. 41-42),

Jornalismo é a prática de produção de sentido da modernidade (a condição e da popularização do modernismo (a ideologia); ele é produto e promotor da vida moderna, e é desconhecido nas sociedades tradicionais. O jornalismo é mais intenso quanto mais moderno é seu contexto, é mais próspero em contextos urbanizados, desenvolvidos, industriais e pós-industriais; seus afloramentos mais densos e mais exóticos são encontrados onde a alfabetização, a abundância e a diferenciação social são mais altas, onde estilos de vidas competitivos, individualizados são mais desenvolvidos [...].

Pontes (2009) afirma que a teoria narrativa do jornalismo é ancorada, principalmente, nas ciências da linguagem, nas ciências literárias e na antropologia. Ainda segundo o autor, o olhar é voltado para o design gráfico, os modos de escrita, estrutura de gênero, o estilo e os métodos de escrita que descrevam a realidade de uma maneira que possua uma objetividade que seja materializada no lead. Pontes (2009) acrescenta que para o jornalismo poder ser considerado como um meio de levar conhecimento aos seus leitores, ele deve abrir a narrativa para que o público entenda melhor a singularidade das informações. O autor detalha que nem só de verdade o jornalismo é feito. E acrescenta, ainda, que “o jornalismo deve ser entendido como uma prática de detecção, produção e aprofundamento de acontecimentos que afetam o público e muitas instituições da sociedade”. (PONTES, 2009, p. 167)

Para Machado (2006, p. 2),

Compreendemos o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos. De forma sucinta, vemos o jornalismo como um discurso: dialógico;

polifônico; opaco; ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares; com um contrato de leitura específico, amparado na credibilidade de jornalistas e fontes.

Jornalistas, fontes e leitores, segundo Machado (2006), devem considerar um contrato de leitura, pois somente assim pode-se compreender o funcionamento do discurso jornalístico. Já, Pontes (2009) pontua que o trabalho exercido por um jornalista não é superficial, pois o processo de apuração de cada reportagem é muito amplo e, frequentemente, o profissional procura auxílio bibliográfico, histórico e necessita de fontes para consultar e confirmar suas informações. Para compreender melhor as relações de jornalistas, fontes e leitores é necessário compreender o que as teorias do jornalismo falam. Pontes (2009, p. 156-157) complementa:

Nas teorias sobre o jornalismo, busca-se determinar se, na prática, o jornalista é ou não fiel aos acontecimentos, avaliando-o pelo grau de neutralidade e de objetividade (deontologia); percebe-se também como o jornalismo processa os acontecimentos, mapeando onde existem as ações subjetivas e políticas que descredenciam a visão de isenção da profissão (sociologia da profissão); e como atividade jornalística transforma e cria novos efeitos para os acontecimentos, sendo ela própria atriz desse acontecimento (ponto comum entre teorias tão diversas quanto a funcionalista/ positivista e a teoria crítica). Em todas elas, a noção de verdade fundada no referente justifica a pretensão da prática profissional e consequentemente da referência teórica.

O contrato de leitura, citado anteriormente, entre jornalista e leitores acaba por ser ilusório, pois ele se sustenta em pressupostos de que o jornalista não mente, que os interesses da empresa não se superam aos do leitor, que o jornalista cruza fontes e versões e que profissional somente recorre a fontes credíveis. (MACHADO, 2006). A autora ainda acrescenta que o jornalismo é um modo de conhecimento, mas que produz tanto conhecimento particular quanto reproduz os ensinamentos gerados de outras instituições. Para finalizar, ela diz que “o conhecimento não pode ser apenas transmitido ou repassado, ele é recriado”. (MACHADO, 2006, p. 4).

Segundo Machado (2006), o discurso que o jornalismo utiliza é, idealmente, polifônico, pois nele circulam diversas vozes. Para a autora, as fontes, o leitor que assina a carta publicada, o jornalista/instituição que assina o texto, o jornalista/indivíduo que assina o texto são as principais vozes do discurso jornalístico. Isso tudo faz com que o jornalismo se torne um campo de interação. Ainda para Machado (2006, p. 6),

O discurso é fruto do trabalho de interação entre sujeitos [...], é sua característica dialógica e intersubjetiva, que inclui tanto o processo de dizer quanto o processo de interpretar. O discurso é constitutivamente dialógico,

mas não necessariamente polifônico. Para identificar o seu caráter polifônico ou monofônico, é preciso mapear as vozes que o conformam e, nesse movimento, refletir sobre as 'posições de sujeito' ocupadas por indivíduos distintos.

Pontes (2009) afirma que atualmente, através de seu discurso e poder de influência, o jornalismo deve ser reconhecido, pois ele participa da transformação política e social dos países em que está inserido. A proliferação rápida das informações pelos veículos impressos e digitais faz com que o jornalismo tenha uma grande relevância e transformação política em diversos lugares. (PONTES, 2009).

2.1.1 Jornalismo e Sentimento

São poucos os trabalhos que abordam os sentimentos dos profissionais da comunicação. Gadret (2016) afirma que já existem pesquisas sobre essa temática e ela pode ser sistematizada em dois eixos. A primeira reflete sobre o papel da emoção na relação entre o jornalismo e o público e a segunda está ancorada em como a emoção é percebida pelos jornalistas e trabalhada como estratégia discursiva. As problemáticas citadas acima, inserem-se muito no conflito entre a subjetividade e a objetividade e, de como se dá o vínculo jornalista e público.

Bucci (2000) fala que a ética jornalística está sendo colocada muito à prova, ele deixa claro que a "ética é um acessório, não uma base" (BACCI, 2000, p. 39). O autor traz que não é necessário deixar de lado as emoções para a construção de uma ótima reportagem.

Aqui é preciso desmontar um pequeno tabu que paira sobre a correção na reportagem. Pensa-se e declara-se que as emoções atrapalham a precisão. É um erro. O bom jornalismo nada tem a ver com a indiferença, com a neutralização do sujeito. Como toda atividade própria da cidadania, ele se alimenta também da indignação. As emoções devem integrar a reportagem assim como integram a alma humana - e, de fato, estão presentes nas mais marcantes passagens do jornalismo, nos melhores textos, nas grandes manchetes, nas fotos que fizeram história. (BACCI, 200, p. 94)

Em determinados momentos, segundo Bucci (2000), o repórter tenta isentar-se de seus sentimentos e seu relato acaba por ser imprestável. Ele acrescenta que sem indignação não existe reportagem, mas deixa claro que os repórteres não devem ser melosos ou neutros ao extremo, mas sim serem um intermédio. Bacci (2000, p. 95) completa que "a precisão jornalística requer realçar a emoção que move os acontecimentos. [...] [...] Banir a emoção da informação, é banir a humanidade do

jornalismo”. O autor afirma que os leitores, ouvintes, internautas e telespectadores reagem emocionalmente aos acontecimentos.

De acordo com Xavier (2010), o jornalista deve dirigir-se ao público de uma forma mais honesta e realista possível. A autora deixa claro que “os sentimentos existem e é preciso assumi-los, ao invés de negá-los. Entender o mundo, função a que o jornalismo também se propõe, envolve mostrar condições do acontecimento, sensações, perspectivas”. (XAVIER, 2010, p. 21)

Sendo assim, entende-se que o profissional da comunicação deve trabalhar em um intermédio entre a neutralidade e o sentimentalismo em suas reportagens. O fato de bloquear os sentimentos das reportagens leva o jornalismo a ser muito frio. As emoções auxiliam o jornalista a ter um contato maior com seus leitores e foi assim, que as três jornalistas entrevistadas para a construção desta pesquisa, fizeram com que o público estivesse mais interessado nas suas obras.

2.2 JORNALISMO AMBIENTAL E SUAS COMPETÊNCIAS

Villar (1997) afirma que no final do Século 20 o meio ambiente se tornou objeto de uma grande disputa de poder. Custo ambiental e parceria são consideradas palavras de ordem no meio empresarial. O autor afirma que, nas últimas décadas, os empresários, além de tentarem roubar a bandeira dos movimentos ecológicos, perceberam que podem ganhar mais dinheiro e só conseguirão sobreviver no mercado globalizado se começarem evitar o desperdício e implementarem tecnologias limpas. Jacobi (1999) diz que os impactos dos humanos sobre o ecossistema vêm se tornando mais complexo, sendo isso responsável por caracterizar o quadro socioambiental das sociedades contemporâneas.

Para enfrentar a crise ecológica, o conceito de desenvolvimento sustentável foi criado e esse processo é alimentado por duas grandes correntes. Jacobi (1999, p. 175) afirma que a primeira corrente possui grande relação com “aquelas correntes que desde a economia influenciaram mudanças nas abordagens do desenvolvimento econômico, notadamente a partir dos anos 70”. O autor ainda acrescenta que a segunda corrente está associada “com a crítica ambientalista ao modo de vida contemporâneo, que se difundiu a partir da Conferência de Estocolmo em 1972, quando a questão ambiental ganha visibilidade pública.” (1999, p. 175)

Jacobi (1999) ressalta que apesar de todas as críticas sofridas, o conceito de desenvolvimento sustentável se tornou de grande importância para o plano abrangente de ações sustentáveis no Século 21. O uso deste termo por organismos internacionais confirma que o desenvolvimento sustentável combina com a eficiência econômica. O autor reconhece que

O desenvolvimento sustentável não se refere especificamente a um problema limitado de adequações ecológicas de um processo social, mas a uma estratégia ou modelo múltiplo para a sociedade, que deve levar em conta tanto a viabilidade econômica como ecológica. Num sentido abrangente, a noção de desenvolvimento sustentável leva à necessária redefinição das relações sociedade humana/ natureza e, portanto, a uma mudança substancial do próprio processo civilizatório. (JACOBI, 1999, p. 178)

O desenvolvimento sustentável, conforme defendido por Jacobi (1999, p. 179), pode ser entendido como um processo em que as “restrições mais relevantes estão relacionadas com a exploração dos recursos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e o marco institucional”. Ele comenta que o desenvolvimento deve se fixar na superação dos déficits sociais e nas necessidades básicas para assim, conseguir aumentar e manter os recursos-base.

Com o ambientalismo empresarial ganhando força, Villar (1997) deixa claro que os grandes cientistas, jornalistas e ecologistas devem criar uma aliança entre si para manter em pé a democracia, pois se um cidadão possui somente uma versão da história ele não tem como escolher no que acreditar. É desta forma que o jornalismo ambiental se encaixa e vem se mostrando muito importante nos dias atuais, pois “o jornalismo ambiental é uma especialização do jornalismo, com todas as regras gerais da profissão. A reportagem de meio ambiente tem que ser "vendida" como qualquer outra matéria. Deve ser novidade e de interesse público.” (VILLAR, 1997, p. 2-3).

A compreensão do jornalismo ambiental exige explorar o conceito. Segundo Bueno (2007) o conceito de jornalismo ambiental e comunicação ambiental encerram-se em dois núcleos distintos: “o que diz respeito à Comunicação e ao Jornalismo e o que se associa à noção de Meio Ambiente” (2007, p. 33). O autor ratifica que os dois conceitos possuem como objetivo a troca e circulação de informações, conhecimentos, emoções e experiências, mas é muito importante perceber que eles possuem amplitudes diferentes.

A comunicação ambiental, ao contrário do jornalismo ambiental, não possui nenhum compromisso com um determinado formato e nem com a atualidade, pois todas as suas atividades são focadas na promoção e divulgação da causa ambiental. Mesmo utilizando outra vertente, ela ainda é vinculada ao sistema de produção jornalística. Com o jornalismo ambiental isso é diferente, pois ele se preocupa com o jornalismo em primeiro lugar e está definido por colunas, editoriais, cadernos e matérias que são publicadas em massa por veículos de comunicação ou por espaços destinados exclusivamente ao meio ambiente (BUENO, 2007).

Bueno (2007, p. 35) conceitualiza o Jornalismo ambiental como “o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado.” Esse conteúdo desenvolvido por todos esses processos pode contemplar várias mídias e se caracteriza muito pela periodicidade e por possuir muitos atributos na atualidade. O autor diz que a cobertura jornalística ambiental é encontrada em um foco exclusivo de uma determinada publicação, encontradas frequentemente nas mídias ambientais, ou estar ao lado de outras coberturas em diversos veículos de comunicação.

A maneira como os temas ambientais são tratados se diferenciam nas diversas regiões do país, mas ele não deve ser deixado de lado. Seguindo isso, Villar (1997) deixa bem claro que os grandes grupos de comunicação não devem ignorar as questões ambientalistas de suas grades, unicamente por questões empresariais e de mercado. Para que essas questões não sejam totalmente ignoradas, as mídias abrem pequenas exceções, colocando um espaço reduzido para essa discussão em toda a sua gigante programação. Segundo o autor, quando um jornalista começa a discutir com profundidade questões ecológicas ele começa a ser tachado de ecochato ou ecologista, sendo menosprezado como profissional. O autor ainda reitera que a imprensa brasileira só volta os olhares ao meio ambiente quando a pauta ambiental é abordada pela mídia internacional.

A imprensa brasileira dificilmente trata dos problemas ambientais com profundidade na pauta das discussões públicas. As exceções são fruto de um esforço pessoal e isolado. O meio ambiente é manchete e ganha espaço e tempo na cobertura diária quando acontecem desastres, ou quando os assuntos repercutem no exterior, como a morte de um ecologista famoso, as

queimadas e os desmatamentos na Amazônia e na Mata Atlântica. A pauta ambiental ainda vem das agências internacionais. (VILLAR, 1997, p. 1)

Villar (1997) fala que os cidadãos não devem confrontar as informações que são postas a eles, e que é papel do repórter ouvir pesquisadores e ambientalistas para que possam desmistificar toda e qualquer informação antes de ser publicada. O autor complementa que os repórteres devem estar atentos para não virarem assessores de imprensa de instituições de ensinos ou entidades, é preciso equilíbrio e bom senso nas informações que irão ser publicadas. Ele fala que o “poder da imprensa é determinar os assuntos que estarão na agenda das discussões públicas da sociedade” (VILLAR, 1997, p. 2).

O jornalismo ambiental é considerado uma especialização do jornalismo. Ele possui inúmeras funções, mas as que se destacam são: a função informativa, a função pedagógica e a função política. Bueno (2007) afirma que a função informativa faz com que os cidadãos consigam se informar sobre os principais temas que abrangem a questão ambiental. Já a função pedagógica se preocupa em como esclarecer as causas e soluções para os problemas e para a superação de desastres e crises ambientais. A função política está relacionada à maneira em que os cidadãos se interessam pelo agravamento da questão ambiental.

Segundo Bueno (2007) o jornalismo ambiental deve assumir algumas características e singularidades se de fato quiser fazer valer as funções citadas acima. De imediato é necessário deixar claro que o “saber ambiental não se confunde ou é privilégio de instâncias especializadas” (BUENO, 2007, p. 36), e que ele é um resultado de articulações de múltiplos saberes. Muitas mídias conservadoras tendem a ignorar as raízes do jornalismo ambiental e acabam por confundí-lo com o marketing verde ou ecopropaganda, e esquecem que ele é sobretudo jornalismo.

O Jornalismo Ambiental é, antes de tudo, jornalismo (que é o substantivo, o núcleo da expressão) e deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate. Não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios. (BUENO, 2007, p. 36)

O jornalismo ambiental não deve ser prioridade para os que possuem o monopólio da fala, mas sim deve sintonizar o pluralismo e a diversidade. Ele deve

saber fazer o diálogo entre o agrônomo e o produtor rural, mateiro e o biólogo e, principalmente, não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés (BUENO, 2007). O autor ainda afirma que as fontes utilizadas pelo jornalismo ambiental devem ser a população em geral, pois a sua missão é de compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que contribuem para o meio ambiente e que possam ser passados de geração em geração.

“Incorporar uma visão inter e multidisciplinar, que extrapola os limites dos cadernos e das editorias” (BUENO, 2007, p. 36) é o que o JA deve fazer. Ele anseia por um conceito que extrapola o jornalismo científico tradicional, que não se misture com o conceito de jornalismo econômico e que não apoie o jornalismo cultural. O jornalismo ambiental somente consegue encontrar forças para resistir a toda pressão colocada em cima dele se começar a propor-se social, política e culturalmente engajado. (BUENO, 2007)

Bueno (2007) fala que o JA não é e não deve ser visto somente como um exercício de atividade produtiva e remunerada, como os profissionais liberais do ramo costumam dizer. Acrescenta também que o jornalista ambiental possui um compromisso que vai além da sua jornada de trabalho. O profissional “consciente e capacitado, ele será militante sempre. Qualquer outra alternativa conduz, inevitavelmente, à capitulação”. (BUENO, 2007, p. 36)

Para Girardi *et al* (2012), o jornalista deve saber que

uma pauta não é aula de ecologia, nem deve ser espetacularizada, devendo atrair o leitor com boas chamadas, ter um lead convidativo, fotografias interessantes e explorar os vínculos entre realidades distintas. Por isso, reiteradas vezes encontramos apelos para que os responsáveis pela cobertura de meio ambiente busquem conhecimento prévio, reduzindo o risco de serem meros porta-vozes de suas fontes e reprodutores de pretensos consensos oficiais.

Desta forma, o Jornalismo Ambiental é um viés importante na sociedade e os seus profissionais, em geral, têm uma ligação ou até um compromisso pessoal e profissional com o tema. Sendo uma vertente importante do jornalismo, amplia o alerta para tornar público os crimes contra o ambiente. Conceitualmente, entende-se que JA deva denunciar e deixar claro os responsáveis pela destruição ambiental. Quando se é um jornalista ambiental as noções de investigar, informar e denunciar acabam

estando mais presentes e se tornam de maior importância, pois além do compromisso com a verdade, o profissional possui um compromisso com o meio ambiente. Sendo assim, as obras das jornalistas que foram entrevistadas para a construção deste trabalho, mesmo que não digam diretamente, apresentam fundamentos do JA para construir uma narrativa de denúncia sobre o fato ocorrido em Mariana.

2.3 JORNALISMO LITERÁRIO

Castro (2010) descreve que o Jornalismo Literário (JL) não é um espaço ou tablóide onde encontram-se histórias infantis, contos, crônicas e novelas, que também não é uma nova cadernalização e muito menos um discurso unificador ou revolucionário que deseja se impor sobre o estilo atual de escrita. Segundo o autor, o JL “é a conjunção de conhecimentos, saberes, savoir-faire, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura” (CASTRO, 2010, p. 5), que estão à disposição para auxiliar os jornalistas em suas produções. O autor também declara que o Jornalismo Literário é uma maneira de se fazer jornalismo que por muito tempo foi visto como uma anarquia estilística.

Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso. É exatamente por ser livre, desafiador e arriscado ao ser manipulado, que o Jornalismo Literário foi pouco entendido, até porque pode ser visto mais como uma anarquia estilística do que em seu aspecto sistêmico e complexo. (CASTRO, 2010, p. 5)

Pena (2006) diz que o conceito de JL é muito mais amplo do que fugir das amarras da redação ou de poder escrever um livro-reportagem para exercitar o seu lado literário. Conforme o autor, significa

potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide [sic], evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 6)

Para Castro (2010) o Jornalismo Literário já foi delimitado como Literatura de Realidade e de descrição da realidade, mas ele ultrapassa essas nomenclaturas porque possui a sua própria noção de realidade. Segundo o autor, o JL é a própria noção de informação que deixa de ser matematizada para ser multifocal e complexa. Ele afirma que as universidades e escolas de comunicação não conseguem preparar os alunos para a "multiplicidade narrativa" (CASTRO, 2010, p. 6) e acabam por moldá-los na uniformidade do lead, o que faz com os estudantes não conheçam as demais técnicas narrativas.

A prática da literatura, segundo Castro (2010), não é explorada e nem estimulada nas escolas de comunicação. Quando pensado por meio da reportagem, o Jornalismo Literário pode ser tomado por dois vieses principais: "1. Aprofundar ou verticalizar o texto jornalístico através do recurso da literariedade e da liberdade estilística, [...] [...] e 2. Apostar no prazer da escritura e do texto." (CASTRO, 2010, p. 7). Podemos entender que o jornalismo e a literatura possuem maneiras diferentes de enxergar o mundo. Castro (2010), no entanto, afirma que não vê porque não utilizar os recursos dessas duas áreas para observar, investigar e desvendar o mundo e o homem.

Castro (2010) fala que a relação existente entre a literatura e o jornalismo possui muitas facetas e é comparada às faces de um cristal. O confronto que existe entre dois campos "é necessário e salutar para o avanço da racionalidade humana e reduzir dois sistemas diversos de conhecimento num único modelo implica uma perspectiva nada lógica" (CASTRO, 2010, p. 30). Em ambos os casos, a palavra é matéria-prima utilizada para realizar a alcançar o seu público alvo. O autor ainda declara que cada área usa a palavra ao seu modo.

Cada qual usa e contempla a palavra a seu modo. O que preza o jornalismo, isto é, a informação e a rapidez, a literatura não prioriza como dado de relevância máxima. Por outro lado, o que necessita a literatura para ser como tal, a fantasia, a metáfora e o jogo, parece não caber dentro dos rincões jornalísticos. Um e outro parecem dicotomizar a própria relação informação e sensibilidade. (CASTRO, 2010, p.30)

O Jornalismo Literário, segundo Castro (2010), tem por capacidade convergir e divergir das diferentes realidades. O autor acrescenta que a ideia do JL utilizar a palavra de diversas formas, técnicas e com diferentes ajustes não faz com que os

jornalistas e escritores percam a vocação de escrever algo com significados. Ele ainda acrescenta que “um texto que se propõe a atingir a totalidade, como as escrituras sagradas, só consegue abranger uma dimensão parcial da realidade, da cultura e da linguagem daqueles que almejam tal propósito” (CASTRO, 2010, p. 32).

O jornalista literário é a pessoa responsável por passar emoção, agregar sentimento à sua escrita e por dispor ao seu leitor reportagens com maior número de detalhes. Muito julgado na atualidade, o profissional ainda é comprometido com a verdade, com a veracidade dos fatos e de como as informações são postas ao texto. Indo ao encontro deste pensamento, Castro (2010) fala que como os jornalistas não podem escrever em casa, eles pelo menos poderiam colocar emoção, sensibilidades e serem criativos em seus textos. O autor traz para discussão que o jornalista que trazia esses aspectos em seu texto era tachado como sensacionalista, mas ele afirma que “o divisor de águas entre fazer jornalismo sensacionalista e escrever com emoção encontra-se na questão ética” (CASTRO, 2010, p. 8).

Para Pena (2006, p. 6) “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo”. Ele utiliza dos princípios da redação, como observação atenta, abordagem ética, apuração rigorosa e outras coisas, para construir novas estratégias profissionais. Com base no que o autor fala, o jornalista literário para conseguir exercer seu papel acaba por romper com a periodicidade e a atualidade, características básicas do jornalismo contemporâneo. Por não precisar mais estar preso ao *deadline*, ele não se preocupa com a novidade, ou seja, de possuir a necessidade de informar o leitor do ocorrido de imediato. O jornalista literário deve então “proporcionar uma visão mais ampla da realidade” (PENA, 2006, p. 7).

A preocupação do JL deve ser, de forma mais abrangente possível, contextualizar a informação, o que seria impossível no espaço de um jornal diário/semanal (PENA, 2006). Com base no que foi dito pelo autor, para que seja possível essa contextualização das informações, é necessário mastigá-las, relacioná-las com outros fatos, encontrá-las em espaços de longa duração e conseguir compará-las com diferentes abordagens.

De acordo com Pena (2006) o jornalismo literário acaba por romper com as correntes do lead. A forma em que o jornalismo de lead é realizado vai ao encontro de uma imprensa ágil e menos prolixa, exemplifica o autor. Como nesse estilo de jornalismo a construção das reportagens requer tempo, os definidores primários são evitados. Definidores primários são as fontes oficiais que sempre aparecem no jornalismo diário para facilitar e agilizar o trabalho dos repórteres, mas no JL elas não aparecem com frequência pois os jornalistas literários procuram “criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 8) para a construção de um texto bem escrito e que possua todos os detalhes necessários.

Castro (2010) fala que nos jornais diversas histórias são contadas no decorrer dos dias, mas essas mesmas histórias se adaptam a rotina de produção caótica das redações e isso faz com que, em algumas vezes, as reportagens possuam um único olhar. Segundo o autor, a questão narrativa sempre vem à tona e que os jornalistas e escritores entram em um debate diário para refletir a melhor forma de “contar” as informações. Castro (2010, p. 21) ainda diz que se pensarmos que toda a literatura é comunicação, o jornalismo e a literatura nasceram um para o outro, desta forma desenvolvendo a “comunicação de informações, experiências, novidades (news), histórias”.

Em algumas palavras, Castro (2010, p. 9) exemplifica sua opinião sobre o que é Jornalismo Literário.

é a capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa a hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética, política...É uma via de compreensão do gênero humano, um misto de informação e conhecimento, capaz de transformar e orientar esse mesmo conhecimento em sapiência.

Entende-se o JL como essencial para contar uma boa história rica em detalhes e informações. Para a construção desta pesquisa, o Jornalismo Literário, se mostra muito importante, pois todas as obras analisadas aqui são de não ficção. A ligação que essa extensão do jornalismo tem com a literatura é muito notória. As duas áreas possuem modos de construir os seus relatos que se assemelham, mesmo que na ficção a questão da veracidade e ligação com o real esteja em outro patamar. Aproximação da escrita jornalística com a escrita da literatura, no modo de organizar

o relato e lidar com as personagens, interpela o leitor de maneira diferente e mais esclarecedora.

A reportagem *A Onda* de Consuelo Dieguez, *Lama* de Sabrina Duque e *Tragédia em Mariana: A história do maior desastre ambiental do Brasil* de Cristina Serra, são obras que utilizam dessa ligação do jornalismo e da literatura para contar e mostrar mais detalhadamente o que aconteceu com as vítimas e o que levou ao rompimento da barragem de rejeito de minério. Sendo assim, é possível identificar que o Jornalismo Literário e a Literatura quando unidos, possuem uma boa harmonia, levando ao leitor um produto informativo de ótima qualidade.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo exemplifica os conceitos metodológicos que irão compor a pesquisa e como cada um auxilia na construção do trabalho. Primeiramente, é apresentado e desmistificado o conceito de pesquisa qualitativa e como este auxilia o desenvolvimento analítico. Na sequência, será exposto o que é entrevista em profundidade. Mais à frente encontra-se a abordagem utilizada para se realizar o contato com as fontes e como se deu as entrevistas. Também são apresentadas, mais detalhadamente, a história das jornalistas e um breve resumo de suas obras. Por fim, será apresentado a análise que norteia esse trabalho.

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

A abordagem qualitativa foi escolhida para essa pesquisa pelo fato da coleta de dados poder ser efetuada de uma maneira mais aberta, e por ter como “objetivo um quadro abrangente possibilitando pela reconstrução do caso que está sendo estudado” (FLICK, 2013, p. 23). A pesquisa foi idealizada, pensando em contar as histórias dos entrevistados e, além do mais, esperando que as jornalistas construam suas respostas com liberdade e espontaneidade.

Minayo (2002) afirma que o objetivo das ciências sociais é qualitativo. Segundo ele, as ciências sociais “possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades” (2002, p.15). Responsável por responder questões muito particulares, a pesquisa qualitativa nas ciências sociais, acaba por se preocupar com

um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-22)

A abordagem da pesquisa qualitativa possui um aprofundamento maior nos significados das ações e relações humanas (MINAYO, 2002). Neves (1996) afirma que a pesquisa qualitativa tem o objetivo de expressar e traduzir todo e qualquer sentido dos fenômenos do mundo social. Ele ainda enfatiza que, em sua maioria, os estudos são realizados através de um corte temporal-espacial, que por sua vez é determinado por parte do pesquisador. Segundo Manning (1979, p. 668, apud NEVES, 1996, p. 1), o corte temporal-espacial é quem “define o campo e a dimensão em que

o trabalho desenvolver-se-á, o território a ser mapeado. O trabalho tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados”.

A pesquisa qualitativa é utilizada quando os pesquisadores buscam explicar o porquê das coisas, “mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p. 32). Córdova e Silveira (2009, p. 32) exemplifica que a pesquisa qualitativa possui as seguintes características:

objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Godoy (1995) diz que pesquisa qualitativa parte da existência de três diferentes perspectivas em que ela pode ser aplicada. A primeira é a pesquisa documental, que representa uma maneira possível de caráter inovador, que pode trazer importantes contribuições no estudo de determinados temas. Este estudo merece uma atenção especial, pois os documentos são importantes fontes de dados. A segunda perspectiva é o estudo de caso que visa compreender, analisar e detalhar profundamente um simples sujeito ou uma situação em particular. Esse estudo não deve ser confundido com o método de caso, muito usado na administração. O propósito fundamental do estudo de caso é analisar intensivamente uma determinada unidade social. Já a terceira é a etnografia, que abrange a narração de acontecimentos em determinados grupos sociais e a interpretação dos significados desse evento para a cultura do grupo.

O estudo de caso, que é a perspectiva dentro da pesquisa qualitativa usada para realizar este trabalho, normalmente apresenta como estratégia questões do tipo “por que” e “como”, uma vez que os pesquisadores não possuem domínio sobre os fenômenos inseridos no contexto da vida real. Yin (2001) traz que os estudos de casos denominados "explanatórios" se complementam com outros dois tipos - "exploratórios" e “descritivos”. Ele também afirma que independente do tipo que o

pesquisador for utilizar, o mesmo deve ser detalhista ao realizar e projetar esses estudos de casos, com o propósito de exceder as críticas já realizadas tradicionalmente que se é realizado no método.

As estratégias utilizadas para coleta e análise de provas empíricas possuem uma diferença entre o seu modo de aplicação sendo que cada uma delas possui suas vantagens e desvantagens. Yin (2001) afirma que os casos descritivos traçam uma determinada sequência de eventualidades interpessoais que se desenrolam ao longo do tempo. Já o estudo exploratório, segundo o mesmo autor, se dá por uma análise explanatória para o mesmo conjunto de eventos e ele deve apontar como essas explicações possuem potencial para serem aplicadas a outras situações.

Como no estudo de caso deve-se ter preferência em estudar eventos contemporâneos, irei utilizá-lo e explorar mais o estudo de casos descritivos para detalhar os sentimentos de três jornalistas mulheres, ao realizarem a cobertura da tragédia de Mariana. São analisados os relatos da jornalista Cristina Serra, autora do livro “Tragédia em Mariana: A história do maior desastre ambiental do Brasil”, da jornalista Consuelo Dieguez, autora da reportagem “A onda”, e por fim, a jornalista Sabrina Duque, autora do livro “Lama”, este não disponível no Brasil.

3.2 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Sendo considerada um recurso metodológico, a entrevista em profundidade busca coletar respostas para fenômenos ocorridos com determinada fonte. Saggioratto (2017, p. 28) diz que através da entrevista em profundidade “o/a entrevistador/a pode aprofundar um assunto, compreender o contexto da realidade e do passado do/a entrevistado/a, além de identificar problemas e padrões na fala, nos gestos e no olhar da pessoa que expõe seu depoimento.”

A entrevista em profundidade é uma técnica da pesquisa qualitativa que investiga um assunto em questão e parte de percepções, informações e experiências de informantes. Duarte (2002, p. 62) fala que a “flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas” é a principal qualidade deste tipo de abordagem. A maneira em que essa técnica se aplica procura mostrar a “intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística” (DUARTE, 2002, p. 62).

Esse modo de entrevistas não permite tratar as informações, definir a amplitude ou qualidade de um fenômeno ou testar algumas hipóteses. Ela se tornou uma técnica dinâmica e flexível que é capaz de entender uma determinada realidade, tanto por questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, quanto para descrever assuntos mais complexos em que o entrevistado esteve envolvido (DUARTE, 2002).

Em geral, as entrevistas em profundidade são consideradas como individuais. Duarte (2002) caracterizou como aberta, semiaberta e fechada. Para realização desta pesquisa pretendo fazer uso da entrevista semiaberta com questões semiestruturadas, sendo capaz de fazer uma discussão mais profunda sobre a questão em que será abordada com os entrevistados. Esse modo foi escolhido por permitir que o autor consiga adaptar as questões no decorrer da entrevista, fazendo com que as questões sejam bem esclarecidas.

A entrevista semiaberta parte de um roteiro pré-estruturado que dá cobertura ao interesse da pesquisa. Nesse modelo, a entrevista possui entre quatro e sete questões, sendo que o pesquisador consegue aprofundar e explorar ao máximo cada resposta do entrevistado. Somente é passado para a próxima questão quando o pesquisador identificar que conseguiu extrair todas as informações referentes aquela questão (DUARTE, 2002). Exigindo um roteiro com poucas questões, mas essas sendo “suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias” (DUARTE, 2002, p. 66).

Duarte (2002) diz que em sua maior parte, a entrevista é conduzida pelo entrevistado, pois somente assim pode-se valorizar o seu conhecimento, mas é importante destacar que elas são ajustadas ao roteiro do entrevistador. O autor também traz em discussão que as questões-chaves são adaptadas no decorrer da entrevista.

A lista de questões-chaves pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo. Por isso, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, um pouco diferente. (DUARTE, 2002, p. 66)

É viável, durante a preparação do roteiro-guia, realizar uma relação dos tópicos que podem e devem ser explorados em cada questão. Duarte (2002, p. 67) exemplifica que essa estratégia “mantém a naturalidade e as vantagens da entrevista semiestruturada e evita que cada questão relevante não seja abordada”.

Durante o curso de jornalismo, nós estudantes somos instruídos a melhor maneira de realizar uma boa entrevista. Sempre perguntar os dados do entrevistado no início da entrevista, prestar atenção às respostas, conferir se o gravador ainda está gravando, sempre possuir respeito com a fonte e evitar perguntas que levam a respostas com um “sim/não”. No caso desta pesquisa, todos os ensinamentos repassados a mim, durante a faculdade, foram úteis na hora da coleta de dados com as fontes.

Os instrumentos de coleta de dados para o desenvolvimento das reportagens são de suma importância. Realizar anotações é de extrema necessidade para registrar comportamentos dos entrevistados e questões que o pesquisador deseja aprofundar com a fonte. Duarte (2002) destaca que o pesquisador deve estar atento a como realizará as entrevistas. Por telefone a entrevista possui uma vantagem por ser ágil e conseguir completar questões pendentes com a fonte, mas segundo Duarte (2002, p. 77) “impede de perceber as reações do entrevistado, criar proximidade, obter a relação de cumplicidade que a entrevista face a face oferece.” O mesmo acontece com as entrevistas pela internet, pois além de ser a maneira mais fácil de perguntas, ela é a forma mais difícil de obter respostas dos entrevistados. Ela é essencial para obter informações importantes, mas ela não permite um maior aprofundamento sobre o assunto com a fonte, discussão do contraditório que são essenciais na entrevista em profundidade. Duarte afirma que se realmente faz-se necessário esse modo de entrevista, o “entrevistador e fonte também podem combinar um horário determinado para conexão e travar o envio e o recebimento contínuo de mensagens, de maneira a garantir mais profundidade e naturalidade nas respostas” (2002, p. 78).

Os questionamentos feitos às jornalistas mantinham um certo padrão. Sendo a entrevista semiaberta, foi utilizado de auxílio sete perguntas fixas para conduzir toda a conversa. Ao longo da entrevista, algumas questões foram adicionadas para melhor compreender o que as entrevistadas buscavam explicar. As principais perguntas foram:

1ª: Qual o seu objetivo ao escrever o livro/reportagem?

2ª: Poderia, por favor, reconstituir a experiência de chegar nas cidades e comunidades afetadas pela lama da barragem?

3ª: Como se deu a aproximação com as vítimas?

4ª: Como foi lidar com os relatos e o sofrimento no olhar das vítimas. O que lembra de ter sentido?

5ª: Como foi o processo de digerir a experiência, no retorno. Poderia reconstituir o trabalho com a informação e com as emoções posteriormente ao trabalho de campo?

6ª: Que emoções ou sensações você lembra de ter sentido?

7ª: A experiência mudou algo no seu método, forma de trabalho ou escrita?

Como dito anteriormente, as perguntas foram estruturadas no modelo de entrevistas semiabertas e, em alguns casos, praticamente todas tiveram um aprofundamento maior durante os relatos das jornalistas.

3.2.1 Contato com as fontes e entrevistas

Sendo a pesquisa realizada em um momento atípico, motivado pela pandemia do Coronavírus, todas as entrevistas foram realizadas de maneira virtual. O primeiro contato com todas as entrevistadas se deu por meio de uma mensagem do correio eletrônico, em que foi explicado o tema da pesquisa e a importância de seus relatos para o trabalho.

Uma vez estabelecido contato e tendo a confirmação das fontes, era necessário organizar com elas, jornalistas, os dias que melhor se encaixavam em suas agendas para a conversa. Com Cristina Serra, a troca de mensagens se deu por e-mail e, posteriormente, pelo aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp. A entrevista realizou-se no dia 26 de outubro de 2021, às 9h30min, via a plataforma Google Meet. A conversa contou com a presença do professor Reges Schwaab, orientador desta pesquisa, e durou 1h24.

A agenda da jornalista Consuelo Dieguez era um pouco apertada e algumas vezes foi preciso remarcar a entrevista. Por fim, os horários foram conciliados e a conversa se deu no dia 23 de novembro de 2021, às 19h. Na ocasião, o assunto que norteou a conversa foi a reportagem “A onda” e a entrevista durou 1h10, sendo realizada sem a presença do professor orientador.

Para marcar um momento com a jornalista Sabrina Duque, foi mais rápido e prático. Em um primeiro momento, a entrevista foi marcada para o dia 22 de novembro de 2021, às 12h, horário da cidade do México. Como a entrevista foi realizada através do Google Meet, dependíamos de uma boa conexão com a internet e, naquele dia, Sabrina estava hospedada em um hotel e sua rede estava instável. Remarcamos o nosso encontro para o dia 02 de dezembro de 2021, às 12h, também hora da cidade do México. A conversa durou 40 minutos e contou com a presença do professor orientador.

Todos os encontros foram realizados por meio da plataforma Google Meet e com o auxílio do e-mail institucional, consegui realizar a gravação de todas as entrevistas. Tendo o vídeo das conversas em mãos, foi realizada a transcrição das entrevistas para posterior análise detalhada.

3.3 JORNALISTAS E SUAS OBRAS

Neste item são apresentados os sujeitos e suas respectivas publicações. Em ordem alfabética, falaremos primeiro de Consuelo Dieguez, seguiremos com Cristina Serra e, por último, traremos informações sobre Sabrina Duque.

3.3.1 Consuelo Dieguez

Formada pela PUC-RJ, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é jornalista da revista *piauí* desde sua fundação, ou seja, atua como colaboradora há 15 anos. Quando estava no final do curso de jornalismo, realizou um concurso para estagiar na Rede Globo e, após o término do contrato de estágio foi efetivada para atuar na área da política em Brasília. Segundo a própria Consuelo, ela nunca chegou a trabalhar com política, na verdade ela começou a cobrir matérias sobre economia. Após deixar a Globo, Consuelo, trabalhou em diversos veículos de comunicação. “O Globo, depois fiquei no Jornal do Brasil, voltei pro RJ e trabalhei no jornal do Brasil.

Depois trabalhei no O Globo de novo, depois na TV Globo, depois na Veja, depois na Exame, depois na *piauí*, onde estou a 15 anos”. (DIEGUEZ, 2021).

Segundo o sobre link nós¹ da revista, “a *piauí* é uma revista mensal de jornalismo, ideias e humor”. Sendo publicada especificamente para quem gosta de ler, a revista possui uma curiosidade que os afasta de uma dada seriedade taxativa de quem possui causas e bandeiras a empunhar. Entrou em circulação mensal no mês de outubro de 2006.

A revista aponta que desconfiam de quem não possui dúvida alguma e acham que um pouco de ceticismo não faz mal a ninguém. “Piauí não tem resposta para nada. Nem para quem pergunta por que ela se chama piauí, porque a esse respeito não chegamos a um consenso” (PIAUI,2020, s/p).

A edição 118 da revista *piauí*, de julho de 2016, contava com uma reportagem intitulada “A Onda”. Consuelo Dieguez dividiu a reportagem em duas partes: a história das vítimas e a dos responsáveis. Na primeira parte, a das vítimas, Dieguez conta tudo que elas estavam fazendo momentos antes do rompimento da barragem. Relatou o sofrimento, a agonia e a tensão que as pessoas sentiram para tentar sobreviver, deixar tudo para trás, momento de luta pela vida, mesmo antes da lama chegar aos outros povoados. A luta por água, a despedida que o povo indígena Krenak realizou às margens do rio doce enquanto a lama passava por lá. Também descreveu como o grupo de remo se despediu do rio, horas antes da lama atingir o lugar onde o grupo costumava remar.

É importante dar destaque à operação, que Consuelo relata no texto, desenvolvido pelo Professor Elbone, do IFES, chamada de “Arca de Noé”. Essa operação foi cuidadosamente pensada para salvar a fauna hídrica, antes que a lama passasse e destruísse tudo no Espírito Santos. “Centenas de espécies autóctones foram deslocadas para os tanques do IFES. E milhares de peixes não nativos foram retirados e colocados nas lagoas, ao arripio das ordens do Ibama.” (DIEGUEZ, 2016)

Na segunda parte da reportagem, a autora mostrou as ações das autoridades diante do desastre. Deixou claro que a mineradora Samarco sabia dos riscos de um possível desabamento da barragem e que eles não tinham sequer um plano de contingência para o caso do rompimento. Lendo com máxima atenção, é possível

¹ URL: <https://piaui.folha.uol.com.br/sobre-nos/>

compreender que a mineradora somente estava interessada em lucrar cada vez mais, sendo que o preço do minério, na época, estava em 240 dólares a tonelada. Diegues também evidenciou as atitudes da presidente Dilma Rousseff e, como a mesma se negou a ir até Mariana, no dia seguinte à tragédia. Segundo a presidente, seria um ato de oportunismo da parte dela. Consuelo trouxe para o texto como os órgãos públicos não sabiam o que fazer naquela situação e como nem os órgãos federais, quanto os estaduais, realizavam fiscalização na barragem. Chegando ao final da reportagem, a autora evidenciou as “sentenças e multas” que a mineradora teria de pagar. Por fim, trouxe que a Samarco gostaria de retomar o funcionamento da mineração meses após o desastre. Ninguém foi preso e nenhuma medida até então foi tomada para retirada da lama dos rios. Adendo importante, não havia uma sirene para alertar os moradores do rompimento da barragem, se houvesse, nenhuma vida humana havia sido perdida. Se houvesse monitoramento da barragem, como prevê a lei, a tragédia não teria acontecido.

3.3.2 Cristina Serra

Paraense, natural de Belém, Cristina Ferreira Serra tem 58 anos e começou a estudar jornalismo na Universidade Federal do Pará, UFPA, mas antes de concluir o curso mudou-se para o Rio de Janeiro, transferindo, assim, sua matrícula para a Universidade Federal Fluminense, UFF. Desta forma, Serra é jornalista pela UFF. Em seu último ano em Belém, trabalhou em um jornal chamado "Resistência", que possuía circulação mensal e era editado pela sociedade paraense de defesa dos direitos humanos. Cristina destaca como foi trabalhar nesse jornal: “Experiência jornalística que é absolutamente fundamental para mim até hoje”. (SERRA, 2021)

Após sua formação, Cristina foi trabalhar no *Jornal do Brasil*, onde colocou, pela primeira vez, o pé na grande mídia. Um tempo depois, teve uma experiência na revista *Veja*, mas logo retornou ao *JB* por um breve período e foi quando começou a trabalhar para a *TV Globo*, onde ficou por 4 anos, no Rio de Janeiro. Serra pediu demissão da *Globo*, pela primeira vez, e foi trabalhar em Brasília para o *Jornal do Brasil*. Em Brasília, trabalhou um ano para o *JB*, exatamente no primeiro ano do governo Fernando Henrique, como repórter setorista do Palácio do Planalto, antes de voltar para a *Globo*. Quando retornou para a *TV Globo*, trabalhou 20 anos em Brasília, foi correspondente, por quatro anos, em Nova York. Ao retornar ao Brasil, Cristina

voltou para Brasília e no final do segundo semestre de 2014 pediu transferência para trabalhar na *Globo* no RJ e foi trabalhar para o Fantástico, já não mais no jornalismo diário.

Cristina Serra ficou na *Globo* até o início de 2018. Teve uma breve experiência, como freela², no *Portal Metrôpoles*. Escreveu seu segundo livro, “Uma história de conservação: a mata atlântica e o mico-leão-dourado”. Com a pandemia, Cristina foi convidada a cobrir as férias do colunista titular da *Folha* de São Paulo. Em meados de 2020, a *Folha* chamou-a para ser titular de um espaço na página dois.

Hoje o meu trabalho de referência realmente é a folha, embora, assim, fique claro que eu não sou empregada da folha, sou contratada como uma espécie de Freela fixo. O dia que quiserem me mandar embora, eles me mandam, e assim como o dia que eu quiser sair eu simplesmente saio. (SERRA,2021).

Após sair da *Rede Globo*, a jornalista escreveu seu primeiro livro, “Tragédia em Mariana: A história do maior desastre ambiental do Brasil”, que foi publicado no dia 05 de novembro de 2018, pela editora Record. O livro contém 461 páginas que contam a história do rompimento da barragem de Marina, denominada por Fundão, localizada em Bento Rodrigues. Cristina abre o livro contando a história de Romeu Arlindo dos Anjos, um dos trabalhadores da mineradora Samarco, que no momento do rompimento estava em local acima da barragem. Serra retrata a luta de Romeu, em meio à lama, pela sobrevivência. Dando continuidade ao livro, a autora descreve o desespero dos moradores lutando pela vida. Paula Geralda Alves, foi a segunda personagem a ser mencionada no livro e ganhou um destaque especial, pois graças a ela, a população de Bento Rodrigues conseguiu correr a tempo da lama engolir tudo.

O livro conta a história dos sobreviventes, notícias da tragédia, documentos oficiais e fotografias. Cristina traz inúmeros conceitos técnicos para explicar como se dá a construção de uma barragem dessa magnitude, como ela é mantida e como se deu o rompimento. Ela apresenta relatos e documentos de especialistas que falaram sobre a integridade da barragem e de como deveria se ter atenção com aquele tipo de construção. Conta ainda, o histórico de construções deste porte e de como ocorriam as manutenções da barragem. Mostra como se deu o processo de licenciamento ambiental e como ele teve flexibilização para a empresa ter um maior

² Freela, é abreviação do termo Freelancer que vem do inglês, é o profissional que realiza um trabalho sem ter, necessariamente, um vínculo formal com uma empresa.

desenvolvimento econômico. O livro conta com muitas questões técnicas que são necessárias para se fazer entender que o ocorrido era uma tragédia anunciada.

A autora ainda deixa claro a angústia das famílias ao não terem notícias dos seus familiares. Conta o sofrimento de ter que enterrar “mais de uma vez” seus entes e de perder precocemente uma criança. Relata o percurso da lama até o mar, como ela afetou toda vida do Rio Doce e das vidas que necessitavam do Rio para a sobrevivência. Ressalto que Cristina realizou um memorial, se assim posso chamar, na metade do livro com fotos que retratam a tragédia, o processo de apuração de suas reportagens para o programa *Fantástico*, da *TV Globo*, e para a construção do livro e, por fim, apresenta documentos importantes da investigação.

3.3.3 Sabrina Duque

Nascida no Equador, Sabrina Duque, 42 anos, é jornalista, cronista, escritora, tradutora e editora. Formada em jornalismo pela Universidad Católica de Santiago de Guayaquil, no Equador, atualmente é doutoranda na Universidade Federal de Santa Catarina em estudos da tradução. Trabalhou por muitos anos como repórter na “Etiqueta Negra”, que é uma revista de narrativa. Seus trabalhos são publicados em diversos veículos de comunicação no mundo inteiro, incluindo *Internazionale* (Itália), *Brecha* (Uruguai), *Folha de S. Paulo* (Brasil), *O Estado de S. Paulo* (Brasil), *GK.city* (Ecuador), *El Malpensante* (Colombia), *Gatopardo* (México), *eldiario.es* (Espanha). No presente, Sabrina trabalha como editora na parte de espanhol para o jornal diário estadunidense, *New York Times*.

Duque publicou quatro livros, sendo todos de não ficção. *Lama* (2017), *Volcánica: Crónica desde un país en erupción* (2019), *Necesito saber hoy de tu vida* (2021) e no ano de 2018 publicou a tradução para o espanhol de *El Alienista*, do escritor brasileiro Machado de Assis. Sabrina já residiu em países como Portugal, Brasil, Alemanha e Nicarágua. Atualmente está saindo da Nicarágua para residir nos Estados Unidos.

Lama foi publicado no ano de 2017 pela turbina editorial e sua tiragem foi totalmente esgotada. Possuindo 61 páginas, o livro entrelaça relatos impactantes, evidenciando a tristeza e o sofrimento das vítimas, e questões históricas da região e de barragens desse porte. Sabrina evidencia Paula Geralda Alves como uma

verdadeira heroína, que ao saber do rompimento da barragem, pegou sua motinha e saiu às pressas, não para salvar seu filho ou seu marido, mas sim para salvar seu povo.

A obra é em espanhol e publicada por uma editora que tem sua sede no Equador. Mesmo sendo em outro idioma, o livro, possui uma leitura leve e de ótima compreensão. Sabrina relata que muitas pessoas até acham que esse livro seja uma história de ficção, mas antes fosse. Duque consegue transmitir muita humanidade com esse livro, relatando a vida antes e depois da lama engolir os povoados e a vida.

4 ANÁLISE

A partir deste ponto, trago a análise das entrevistas realizadas com as jornalistas. O relato da pesquisa está dividido em dois blocos. O primeiro bloco conta com o testemunho das jornalistas ao se depararem com o cenário da tragédia, se elas sabiam da existência desse tipo de barragem e quantas viagens foram realizadas pela região para a construção de suas respectivas obras. No segundo bloco, o foco está em como se deu a aproximação das jornalistas com as vítimas, os sentimentos das autoras ao que vivenciaram, os sentimentos dos moradores e quais foram seus objetivos para a escrita dos livros-reportagens e da reportagem.

4.1 IDAS E VINDAS

Antes das 15h30min do dia 05 de novembro de 2015, um número reduzido de pessoas sabiam o que era uma barragem de rejeito de minério, mas após esse trágico dia, são poucas as pessoas que não possuem conhecimento do que seja esse tipo de construção. Consuelo fazia parte dos indivíduos que não sabiam o que de fato era uma barragem. “Eu não tinha noção do que era uma barragem e olha que eu acompanhei as matérias e mesmo assim não conseguia entender o que era aquilo.” (DIEGUEZ, 2021). Ela ainda acrescenta: “Sabe o que é uma paisagem onírica? Eu nunca imaginei que existisse uma coisa daquelas, entendeu? Aí, como que você constrói um monstrengo desses e você não cuida para que isso não desabe. Isso tem um grande poder de destruição.” (DIEGUEZ, 2021)

Consuelo comenta que mesmo após seis meses da tragédia, quando publicou sua reportagem, seus amigos do Rio de Janeiro, ainda não tinham proporção do que

era uma barragem como a de Mariana. Ela afirma que quando explicava o que era aquela construção, eles se perguntavam: “Mas o que é isso?” (DIEGUEZ, 2021). E acrescenta: “eles não tinham ideia” (DIEGUEZ, 2021). A jornalista pontua que, quando começou a dar palestras sobre a reportagem, no RJ, ela descrevia a tragédia desta forma:

Pra vocês entenderem o que essa tragédia de Mariana, que é muito maior que Mariana, é a tragédia do Rio Doce, é como você imaginar o Rio de Janeiro sem mar. Você imagina o mar do Rio de Janeiro todo contaminado e os moradores não poderem mais entrar na água. O que seria do carioca sem isso? (DIEGUEZ, 2021).

A jornalista Sabrina Duque, que não publicou seu livro no Brasil, se mostrou preocupada pelas pessoas não possuírem conhecimento sobre a tragédia e sua dimensão. “As pessoas não tinham ideia do que tinha acontecido, coisa que eu me pergunto: ‘Como é possível?’” (DUQUE, 2021). Ela afirma que geralmente as pessoas não se importam muito com o que está acontecendo no mundo, nem mesmo no próprio país.

Além disso, Sabrina Duque comenta que a notícia pode passar despercebida quando é veiculada em jornal diário, mas quando a pessoa pega um livro para se aprofundar no assunto, ela começa a entender o drama humano, o que realmente aconteceu ali. “A primeira coisa que me deixava assustada é que as pessoas não sabiam do desastre, mas depois de ler, elas sentem o peso do acontecimento e isso eu acho que é o bom da literatura de não ficção” (DUQUE, 2021). A cronista reitera que muitas pessoas, ao fazerem a leitura de seu livro, ficaram preocupadas com a possibilidade de acontecer uma tragédia desta dimensão em seu país. “Teve algumas pessoas que falaram que estavam muito assustadas porque em seus países havia um projeto igual a esse de Mariana. É aí que as pessoas se dão conta de quais são os perigos disso.” (DUQUE, 2021).

A tragédia possui uma dimensão gigantesca e até mesmo as jornalistas com anos de experiência se sentiram abaladas. Cristina Serra chegou quando a lama já havia passado, cerca de cinco dias após o rompimento da barragem e, segundo ela, o cenário era de filme catastrófico.

Quando eu cheguei a lama já tinha passado pelos povoados, estava no Rio Doce a caminho do mar. O local, os povoados, sobretudo os dois primeiros povoados, foram destruídos. Bento Rodrigues e Paracatu de baixo eram

cenários de filme catástrofe. São aquelas coisas que você acha que só vai ver no cinema na sua vida. Você nunca acha que vai se deparar com um cenário como aquele, a não ser que o meteoro entra em colisão com a terra. Então o cenário da catástrofe é muito impressionante [...]. (SERRA, 2021)

Cristina declara que quando chegou a lama ainda estava muito mole e, por isso, Bento Rodrigues havia sido cercado pela defesa civil. “Eu pisava e afundava. Era perigoso até para os bombeiros, então imagina para nós” (Serra, 2021). A jornalista conta que não tinha o que ver ali pois a lama ainda estava muito alta. Tendo isso em vista, ela foi para Paracatu de baixo, segundo povoado a ser atingido pela lama, onde a situação também era dramática. A autora relembra que em um determinado momento, estava realizando uma gravação e ao dar dois passos ela afundou. Ela ainda relata que onde a lama já havia escoado era possível ver a marca nas construções e nas árvores.

A destruição era colossal e difícil de digerir. Serra (2021) fala sobre a dificuldade de compreender tudo o que estava diante de seus olhos.

O olho vê, mas ele demora a mandar mensagem pro cérebro ou o cérebro demora a entender a mensagem que o olho está mandando. É um desajuste inicial. Quando você olha aquilo ali, você precisa de um tempo pra elaborar. Aí você soma essa magnitude da destruição com os relatos das pessoas, é uma coisa, assim, eu nunca tinha visto nada semelhante.

A jornalista deixa claro que a destruição da lama é completamente diferente. “É como se fosse que um monstro passou por ali, engoliu tudo e não deixou nada de pé, é uma escala diferente, é uma maneira diferente e, sobretudo, as pessoas relataram como elas foram engolidas pela lama” (SERRA,2021). Ela conta que é uma conta impressionante e muito difícil de se traduzir, deixa claro que as emoções e sensações, de ver toda a destruição causada pelo rompimento da barragem, eram diferentes e ao mesmo tempo eram as mesmas da primeira vez que ela foi aos vilarejos.

Sabrina Duque comenta que ver tudo aquilo era muito triste. “Você via aí uma vida congelada, uma coisa que se foi, umas paredes que sobraram, um lugar onde as crianças jogavam e brincavam e tinha igreja e um monte de coisa que de um momento para o outro se foi. É muito forte isso.” (DUQUE, 2021). A jornalista diz que é difícil pensar que as pessoas construíram suas histórias e tiveram que sair às pressas para não perderem a vida.

Duque faz referência a sua avó, para continuar com seu relato. Destaca que ela era uma senhora que possuía uma linda fazenda, tinha cachorros, galinhas e uma plantação de café. Por que Duque incluiu isso em sua fala? Confesso que enquanto ela relatava a história, eu imaginava uma casinha simples no interior e como isso poderia ter alguma relação com a tragédia. A jornalista trouxe como sua avó cuidava das suas coisas, como ela conversava com os seus animais e como era sua rotina. No andar de sua fala, ela explicou porque fez essa alusão.

Então, você tinha todas as coisas de uma vida que construiu com as rotinas no campo e de um momento para o outro você não pega nada e sai correndo. Para trás fica seu cachorro, sua galinha, seu pato, sua vizinha, sua vida, seus garfos, suas facas, suas roupas, a saia que você gostava, o sapato que era tão especial, as fotos. Tudo isso foi embora de um momento para o outro. Quando eu pensava nisso, nesses lugares, eu sentia muita tristeza e era como muito desespero porque a vida da gente é a vida da gente, mas as lembranças também são muito importantes para os seres humanos. As suas coisas são muito importantes, porque são cheias de lembranças e perder isso é muito difícil [...].

Consuelo Dieguez afirma que é muito impactante ver a lama tomando conta de tudo em Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. “Você olhava aquela coisa soterrada, parecia uma pompeia, aquela coisa coberta pela lama, lembrava um barro seco. Era uma sensação horrível, do desaparecimento da vida.” (DIEGUEZ, 2021). Ela conta que sempre que voltava o impacto ficava cada vez maior, pois ela começava a ter noção clara do estrago.

Dieguez percorreu, de trem, todo o trajeto da lama e relata que somente assim tomou conhecimento da proporção do acidente, de como o meio ambiente e a vida das pessoas foram completamente destruídas, pois não havia mais nada lá. “[...] a vida que elas tinham, não ia existir mais. Mudou tudo” (DIEGUEZ, 2021). Para ela, foi muito impactante imaginar a destruição e o tanto de vida perdida no rio Doce e nos vilarejos. “Foi muito dramático, [...], eu chorava muito vendo aquilo ali, aquele trem passando e eu falando: ‘Meu Deus, destruiu um dos principais rios do Brasil’” (DIEGUES, 2021).

Ao todo, Consuelo, necessitou visitar pelo menos cinco vezes os vilarejos afetados pela lama e a própria cidade de Mariana. A primeira viagem foi para Mariana, Bento Rodrigues e todas as cidades afetadas. Depois foi para BH, retornou a Mariana e foi de Colatina, município do Espírito Santo, até o mar. Ela deixa claro que, também, houveram viagens para Belo Horizonte e Brasília, estas para ouvir as autoridades.

Como a revista *piauí* investiu muito nessa reportagem, coisa que segundo a própria é raro algum meio de comunicação realizar tal ação, a jornalista ficou cinco meses envolvida, integralmente, nessa reportagem.

Acerca disso, Sabrina Duque aponta que a coleta de relatos das fontes e materiais durou cerca de duas semanas. Afirmo que esse processo ocorreu em 2017 e a viagem até Mariana e aos povoados foi longa, pois a mesma realizou essa jornada de carro. Ela relata que, após ter todo o material em mãos, foram dois meses para escrever todo o livro.

Cristina Serra foi quem teve um maior tempo de produção. Na época em que a tragédia ocorreu, Serra foi enviada para realizar a cobertura pelo Fantástico³. Ficou dois meses realizando a cobertura para o programa e no meio do ano de 2016 resolveu que queria escrever um livro sobre a tragédia. Ao total, a jornalista ficou um ano realizando a coleta de materiais. Quando saiu da *Globo*, em 2018, ela se dedicou à escrita do livro que demorou cerca de 4 meses.

4.2 OBJETIVOS REVELADOS E SENTIMENTOS QUESTIONADOS

A cobertura, na época do rompimento da barragem, estava sendo realizada pela imprensa local, nacional e internacional. Conforme o tempo passou, a mídia começou a voltar sua atenção mais para as questões judiciais e as vítimas começam a serem esquecidas. Essa questão chegou até Sabrina Duque, que na época morava em Brasília, e a deixou interessada pelo que aconteceu com as vítimas e sobre como aquela barragem veio a romper. O orientador de mestrado da jornalista levou um baque muito grande ao saber da tragédia, pois possuía muitos conhecidos nas regiões afetadas, o que deixou Duque ainda mais instigada sobre a história.

Duque conta que o livro é um assunto muito pessoal para ela, justamente pelo que foi citado acima. “Fui para lá contar a história do que tinha acontecido com as pessoas” (DUQUE, 2021). Ela afirma que tinha ideia de que encontraria pessoas com a saúde mental abalada, mas não imaginava encontrar cartazes escrito “volta samarco”. Ela complementa: “[...] eu achei muito agressivo. Foi a primeira coisa que eu vi na entrada de Mariana e achei que era uma coisa isolada, mas não era, estava

³ É um programa, criado no ano de 1973, em forma de revista eletrônica. É produzido pela *TV Globo* e sua reprodução é aos domingos à noite.

por todo o lugar” (DUQUE, 2021). A jornalista destacou que o principal objetivo do livro era contar o que tinha acontecido, mas também queria dar voz às pessoas que tinham esse sentimento. Nessa perspectiva, Duque (2021) enfatiza:

A principal história era a das pessoas que de um dia para o outro perderam tudo e como eles estavam vivendo quando já tinha passado um ano e meio da tragédia, e que já a tensão das histórias não estavam com eles, mas sim com os processos dos tribunais. (DUQUE, 2021).

Sendo o rompimento da barragem um cenário de catástrofe, Cristina Serra quis passar todo esse sentimento no seu livro. Para fazer isso, logo no primeiro capítulo ela trouxe a dimensão da tragédia e o que Romeu, uma das vítimas, passou para sobreviver. A jornalista afirma que a tragédia de Mariana foi o empurrão necessário para ela focar no que realmente queria fazer a muito tempo, que era se dedicar à cobertura de meio ambiente.

[...] o caso de Mariana, realmente, foi aquele empurrão que faltava porque eu fiquei muito chocada com aquela situação. Eu fui várias vezes fazer matérias para o fantástico e eu percebi que aquilo ali era uma coisa muito grande, que extrapolava uma cobertura de TV, ainda que em programa semanal onde você se aprofunda um pouco mais. Então, eu falei: “isso aqui é um livro”, e foi aí que eu escrevi o livro. (SERRA, 2021).

Ela acrescenta que sentia muita falta em se dedicar mais nos assuntos e que o livro de Mariana foi o que fez ela sair do jornalismo diário, para focar no que realmente queria fazer. “Eu sentia muita falta de me dedicar aos assuntos com mais tempo e com mais profundidade, e a partir do primeiro livro de Mariana, eu disse assim: ‘é isso que eu quero fazer’” (SERRA, 2021). Cristina deixa claro que ao começar ter acesso às informações, percebeu que tinha muita coisa envolvida neste acidente e que a empresa tinha muitas questões para responder. “O impacto de ver aquele cenário, de imaginar a agonia das vítimas no meio daquela lama foi o que me fez escrever o livro”. Ela ainda acrescenta: “[...] os relatos eram muito impressionantes e muito dramáticos que superam qualquer coisa que a ficção pudesse criar” (SERRA, 2021). A jornalista também afirmou que um dos elementos importantes que a levou a fazer o livro foi o direito à memória de tudo que aconteceu naqueles lugares. “A tentativa de apagamento daquela memória, eu acho um insulto” (SERRA, 2021).

Para Consuelo Dieguez, a ideia de construir um monstro daquele tamanho e com um gigantesco poder de destruição não entrava em sua cabeça. Quando o monstro se libertou e começou a destruir tudo que tinha pela frente, a jornalista disse aos seus editores que eles, da revista *piauí*, deveriam fazer uma matéria. Dieguez

comenta que pela *piaui* ser uma revista com pouquíssimos repórteres, eles nunca chegam junto com a grande mídia. “[...] a gente chega antes ou a gente chega depois, porque a gente não tem condição pra competir, sabe. Nós somos pouquíssimos repórteres e a gente não tem como chegar lá na confusão pra fazer uma matéria que tá todo mundo fazendo” (DIEGUEZ, 2021).

Consuelo conta que na época, como eles estavam fazendo o caminho da lama com o trem, e tiveram a ideia de contar a história pelo olhar das vítimas, dos responsáveis e detalhar as consequências, pois isso era uma proposta nova. Ela ainda complementa como foi pensado a reportagem:

Vamos humanizar essa história, para as pessoas entenderem o que é isso. Não é simplesmente, rompeu uma barragem e acabou com uma vila. Não. Ainda que as pessoas tenham sobrevivido, você acabou com o estilo de vida das pessoas, com o modo de vida das pessoas de Bento Rodrigues até o mar do Espírito Santo. (DIEGUEZ, 2021)

Para a construção dos livros e da reportagem, as jornalistas tiveram que entrevistar inúmeras vítimas e autoridades. Ao serem questionadas sobre como tiveram contato com as vítimas, as três jornalistas relataram que iam conhecendo as fontes não oficiais no decorrer dos seus percursos pelos povoados afetados. Sabrina Duque, por exemplo, conta que falou com muita gente e nem 10% das pessoas que ela conversou entraram na história. Ela diz que ao se colocar disposta a escrever sobre algo, ela tem que ser ambiciosa. “Eu fui lá e tive tempo. Teve um que falou que era bom eu conversar com outro, tinha aquele que me contou a história dele e que depois me apresentou a mãe [...]” (DUQUE, 2021).

A Sabrina Duque deixa claro que ninguém a obrigou ir para lá, então ela conseguiu investir todo o tempo necessário para essa história e foi possível ter um contato mais prolongado com as vítimas. Ela criou uma relação de confiança com as pessoas e, por isso, conseguiu tantos relatos impressionantes.

Então, você vai e fica um tempo com elas, e elas entendem que você está interessado e você volta outro dia e você vai criando uma relação de confiança e as pessoas vão contando coisas que no primeiro dia não havia te contado. A maioria das pessoas gostavam de ser ouvidas e gostavam da ideia de que outras pessoas iriam conhecer a sua história, então geralmente as pessoas estão dispostas a contar o que aconteceu. (DUQUE, 2021).

Consuelo Dieguez afirma que os relatos das vítimas eram muito dramáticos. Ela relata que, mesmo após três meses da tragédia, as pessoas ainda estavam muito traumatizadas e que era muito difícil mexer com esses sentimentos. A jornalista conta

que sempre que chegava em algum lugar para conversar com alguém, ela queria saber o que a pessoa estava fazendo no momento do rompimento da barragem.

Eu chegava nos lugares e pedia pras pessoas: “Ó já me conta o que você estava fazendo naquele dia do acidente. Como é que foi quando a barragem rompeu, um pouco antes dela romper. O que aconteceu naquele dia e o que aconteceu nos dias posteriores” (DIEGUEZ, 2021)

Contudo, conforme o tempo ia passando e a coleta de informações ia se intensificando, ela percebeu que deveria chegar nas pessoas e perguntar: “O que você perdeu?” (DIEGUEZ, 2021). Consuelo afirma que foram perdas imensuráveis e ali ela começou a sentir a dor daquelas pessoas.

Elas estavam com uma dor enorme e nem sabiam o tamanho daquela dor [...]. Não eram perdas, de “aaa eu perdi minha casa!”, elas lamentavam: O banco da praça e a seresta [...]. Você perdeu muito mais que a propriedade, você perdeu sua história de vida e isso é muito forte. Aí eu comecei a seguir essa linha. (DIEGUEZ, 2021).

Consuelo relata sobre como foi digerir a experiência de ouvir tantos relatos difíceis e deixa claro que, enquanto escrevia, chorava muito. A jornalista contou que foi uma satisfação poder contar essa história e mostrar para todo mundo o que aconteceu lá. Dieguez fala que ela se emocionava muito escrevendo sobre como a vida das pessoas ia mudar tanto de uma hora para outra, ela fala: “Você não vale nada, num segundo você está aqui, em um segundo a vida que você conhecia tinha acabado. [...] Então isso já me emocionava muito, porque eram as vidas que mudaram pra sempre né.” (DIEGUEZ, 2021)

Cristina Serra, na entrevista em questão, se focou mais em dois personagens, que ela considera de extrema importância para a construção do seu livro e na tragédia, Paulo e Romeu. A jornalista conta que Romeu, em seu primeiro contato, ainda para a reportagem do Fantástico não quis conversar, por não estar preparado para remexer com aqueles sentimentos. Quando novamente procurou ele para conversar, já para o livro, a autora diz que ele se propôs a conversar com ela. Sobre ele, Cristina declara: “O Romeu era uma pessoa reservada, era uma pessoa muito na dele, discreto, muito quieto ou pelo menos eu já o conheci assim, pois não sei se ele já era assim antes.” (SERRA, 2021). Ao falar de Paula, a jornalista, se refere como uma pessoa muito extrovertida e cheia de energia. “Ela colocou a solidariedade humana acima de qualquer risco que ela estivesse correndo. A Paula é uma personagem, assim,

grandiosa, ela tem uma grandeza humana realmente muito comovente.” (SERRA, 2021).

Cristina diz que sempre que fala desses dois personagens em especial ela começa a chorar, pois teve uma ligação muito forte com eles. Serra conta que a conversa com Romeu foi muito emocionante porque ele começou a contar tudo o que havia acontecido com ele naquele dia, com todos os detalhes. “Isso foi muito comovente porque você começava a imaginar, né, como foi e eu comecei a chorar na frente dele. Eu desmontei, realmente.” (SERRA, 2021). Ela comenta que ele estava muito controlado referente aos seus sentimentos e, por isso, conseguiu falar sobre a experiência terrível que ele teve sem desmoronar. Cristina usa uma expressão muito forte na entrevista para se referir ao momento em que ela começa a chorar na frente do Romeu. Segundo ela, “a barragem rompeu aqui dentro de mim” (SERRA, 2021). A entrevista foi interrompida pois a jornalista não tinha mais condições de conversar.

Cristina Serra relata como foi para ela lidar com esse sentimento de a barragem ter rompido dentro dela: “Eu pensei várias vezes sobre isso. Em tese, o jornalista deve ter autocontrole, um jornalista não pode desmoronar diante de uma fonte de informação.” (SERRA, 2021). Ela conta que já havia realizado cobertura de assuntos terríveis, mas nunca tinha se desarmado dessa forma perante a uma vítima. A jornalista ainda complementa: “Eu, sinceramente, não sei te dizer, simplesmente aconteceu e eu acho que, assim, eu sempre procurei ter em toda minha vida profissional e toda minha condução profissional esse autocontrole.” (SERRA, 2021).

Cristina, ao trabalhar em TV, percebeu que a indústria televisiva exige uma certa rapidez e uma objetividade impressionante, coisa que naquele momento, na entrevista com Romeu, ela não precisava ter. Por ela estar mais “relaxada” ao conversar com ele, seus sentimentos acabaram aflorando. “Eu me lembro de estar conversando com ele e vir aquele nó na garganta. Não foi uma coisa que veio aos poucos e aí você vai percebendo que está vindo e você controla, foi uma coisa abrupta” (SERRA, 2021). Ela comenta que acabou nem gravando a entrevista com o Romeu, somente se preocupou em ouvir o que ele tinha a dizer.

Eu deveria ter gravado uma entrevista dessa importância, mas eu achei que uma gravação faria uma imediação que eu não queria naquela circunstância. Eu queria ser jornalista e entrevistá-lo e ao mesmo tempo eu não queria, entendeu? Eu queria que ele me recebesse como simplesmente uma pessoa

que queria ouvir a história dele. Você entende? É uma coisa muito confusa. (SERRA, 2021)

Ela afirma que naquele momento, se desarmou como repórter e se permitiu ser, simplesmente, uma pessoa que estava conversando com alguém que passou por uma experiência horrível. Nesse momento, eu a questionei se ela não tinha deixado o lado humano falar mais alto. Cristina me responde que nós, jornalistas, colocamos a técnica jornalística muito a serviço para entregarmos um ótimo trabalho e acabamos esquecendo das outras coisas. “Eu botei a técnica de lado e deixei, não é nem a emoção, é como você disse, eu me permiti ser humana naquele momento, entende, para captar o máximo de humanidade dele” (SERRA, 2021). Ela declara: “A entrevista com o Romeu foi uma coisa, assim, diferente de muitas coisas que eu já tinha feito como jornalista, acho que talvez uma das coisas mais bonitas que eu tenha feito como repórter” (SERRA, 2021).

Após esse relato da Cristina Serra, resolvi questionar as outras entrevistadas sobre terem ou não chorado durante a entrevista com suas fontes. Sobre isso, Sabrina Duque afirma que não chora na frente das vítimas. “Eu sou uma jornalista com anos de experiência, eu chorava quando tinha 18 anos e estava na escola fazendo a cobertura do fenômeno el niño [...]. Em Mariana não, porque eu prefiro ficar tranquila.” (DUQUE, 2021). Ela afirma que algumas pessoas se sentiam culpadas pelo acontecido e depois elas poderiam se sentir culpadas por estarem fazendo ela chorar e ela não queria isso. “Para mim que sou uma pessoa muito sensível, sim foi difícil conseguir isso, mas eu estava lá como uma pessoa que ia contar uma história e tinha um valor naquilo que eu estava fazendo.” (DUQUE, 2021).

Ao mesmo tempo que Sabrina diz que não chora na frente das vítimas, ela descreve como trabalha seus sentimentos após realizar uma cobertura dessa magnitude.

Chorar, que a única coisa que você tem que fazer. Você tem que se expressar de algum jeito e eu choro. Então, é isso chorar. Não tem o que fazer. Não tem como remediar isso, mas você tem que processar isso, processar a tristeza dessa situação que é muito violenta. Eu até agora me lembro e me sinto muito estremecida, porque é muito violento. (DUQUE, 2021).

A cronista afirma que nenhum jornalista é robô e que após uma experiência na Nicarágua, foi diagnosticada com um quadro de depressão sério. “[...] Eu aprendi na Nicarágua que você tem que fazer terapia, quando você está em uma coisa tão difícil porque você não é um robô.” (DUQUE, 2021). Ela complementa: “Você é uma pessoa

que tem empatia, você consegue sentir, não sentir mas sim entender o que a outra pessoa está passando e você não pode ficar com isso lá dentro, tem que falar.” (DUQUE, 2021).

Em controvérsia ao relato da Sabrina, temos o relato de Consuelo Dieguez que afirma que empatiza muito com as vítimas e não tem nenhum problema em chorar na frente das suas fontes. Dieguez fala que as vítimas não têm nada a ganhar ao conceder entrevista aos jornalistas e que o mínimo que pode-se fazer por elas é contar bem suas histórias. “Quando eu conversava com elas, eu sabia da minha responsabilidade, porque elas estavam tão machucadas com tudo aquilo, mas além da responsabilidade eu compartilhei daquela dor, eu estava vendo um sofrimento atroz.” (DIEGUEZ, 2021). Consuelo relata duas vítimas que ela se comoveu bastante ao entrevistá-las. Uma delas era a diretora da escola de Bento Rodrigues que contou os momentos de tensão ao tentar salvar a vida de todas as crianças que estavam na escola. Dieguez (2021) recorda como foi ouvir o relato da educadora.

Ela me contando, esse episódio, eu via o horror no rosto da pessoa, no olhar da pessoa, né. Ela estava revivendo tudo aquilo, então foi um depoimento muito, muito, muito comovente, não tem como você não sofrer junto com a pessoa que está vivendo aquela situação.

O outro relato é de Paula, moradora que ao saber do rompimento da barragem subiu em sua moto e foi em direção ao povoado de Bento Rodrigues avisar a todos para fugirem. Consuelo conta que quando foi entrevistar Paula, ela estava fazendo as unhas com uma amiga. Paula começa a lembrar dos momentos de desespero e das pessoas que corriam e para tentar se salvar acabavam tropeçando e caindo. Dieguez relata que Paula e uma amiga começam a rir ao lembrarem das pessoas caindo e entram em um choro compulsivo. “Eu via que a pessoa estava absurdamente traumatizada. Aquele riso, era um riso de nervoso, de pavor e que emenda em um choro que não parava mais.” (DIEGUEZ, 2021). Depois desses relatos, ela afirma que entendeu a extensão da dor daquelas pessoas. “Eu acho que para nós, jornalistas, é muito importante a gente empatizar porque você só consegue contar bem uma história se você consegue entender a dimensão da dor do outro.” (DIEGUEZ, 2021)

Consuelo conta que as pessoas estavam muito traumatizadas e que elas precisavam ser ouvidas e foi o que ela fez. “[...] Eu me dedicava a dar a elas todo o tempo que precisassem para falar, eu estava ali para ouvi-las. Então eu sentava e

deixava elas falarem, interrompia muito pouco porque eu sentia essa necessidade.” (DIEGUEZ, 2021). Ela ainda deixa claro que estava mexendo com tanta dor e que a única coisa que podia fazer era ouvir as vítimas e complementa que ouvir as vítimas deveria ser regra da profissão. A jornalista afirma que em uma situação dessa, de desastre, ela não tinha muita dimensão do que tinha acontecido, mas que conseguia perceber o desespero das vítimas. “Às vezes a gente não tinha compreensão, mas ouvindo aquelas pessoas você vai vendo que aquilo era muito maior, o que está se perdendo ali. Aquilo lá foi muito impressionante para mim.” (DIEGUEZ, 2021). Ela ainda complementa que por estar mexendo com tantos sentimentos, sempre tratou todas as vítimas com o máximo de respeito. “O mínimo que eu podia fazer era ouvir com atenção e com respeito”. (DIEGUEZ, 2021).

Na conversa com Cristina Serra, ela afirma que as palavras chaves, quando vamos lidar com esses sentimentos das vítimas, são: “respeito e confiança” (SERRA, 2021).

Primeiro respeitar o tempo da pessoa pois é uma entrevista que não pode ser feita de maneira açodada, não tem como pressionar um entrevistado a falar sobre isso. Você tem que respeitar o tempo dele. Foi o que eu fiz. A outra coisa é estabelecer uma relação de confiança. (SERRA, 2021)

A jornalista também fala que “[...] o jornalismo é muito mais fazer perguntas do que trazer as respostas definitivas” (SERRA, 2021). Cristina comenta que muitas outras entrevistas, não somente a do Romeu, não fez uso de gravador, pois ela queria conseguir a confiança das fontes. Ela praticou muito o processo de escuta, que segundo a mesma, é fundamental para se fazer jornalismo. “[...] A escuta, aprender a escutar é o mais importante, o que às vezes a gente, no processo industrial do jornalismo, acha que escutou, mas não escutou direito.” (SERRA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar compreender os sentimentos das jornalistas ao estarem vivenciando situações de catástrofes ambientais e como se deu a experiência do contato com as vítimas e testemunhas desses acontecimentos, foi o que norteou para o desenvolvimento desta pesquisa. Com os relatos coletados no momento das entrevistas, com a ajuda da entrevista em profundidade, foi possível identificar os sentimentos e as emoções das jornalistas ao estarem frente a frente de um desastre de tal magnitude como o rompimento de uma barragem.

Com as entrevistas consegui observar como as jornalistas trabalham o sofrimento, de ouvir todos os relatos das vítimas, dentro de si. Na pesquisa, foi possível compreender como as autoras fazem uso do Jornalismo Literário e do Jornalismo Ambiental para a construção de suas obras. Elas utilizam essas duas vertentes do jornalismo para mostrar com clareza quais as consequências da destruição em massa do meio ambiente e como a vida das pessoas também são afetadas. Articulando elementos identificados no JL, as três entrevistadas puderam, com o auxílio da literatura, escrever suas obras com mais clareza e trazer suas angústias e sentimentos para a escrita, mostrando mais o seu lado humano. Com o JA, as jornalistas conseguiram denunciar e mostrar na prática as consequências causadas ao meio ambiente pela mão humana, trouxeram detalhes técnicos que são importantes para a melhor compreensão de qualquer tragédia dessa magnitude.

Vivenciar momentos de grande perda, como o do fato que norteou este trabalho, faz com que as pessoas se tornem mais sensíveis e, de certo modo, se solidarizam com o outro. Foi possível observar que as jornalistas, em quase todos os momentos, viveram a dor das pessoas que foram afetadas pela lama. A técnica jornalística diz que, em momento algum, devemos chorar na frente das fontes ou demonstrar qualquer tipo de sentimento, mas com essa pesquisa, entendo, que essa regra é um pouco ultrapassada. Os sentimentos aproximam as pessoas e fazem com que as fontes compreendam que você, enquanto jornalista, está ali como alguém que quer ouvir a sua história e lhe ajudar de determinada maneira, contando tudo que foi vivenciado por você naquele momento trágico.

Com este trabalho compreendi que o jornalista é muito mais do que somente alguém que deve utilizar das fontes para conseguir suas informações. Normalmente,

o que ocorre é que o profissional vai atrás das pessoas somente para conseguir a informação que lhe é necessária e após consegui-la, deixa sua fonte para trás, muitas vezes até nem dando a atenção que a pessoa está precisando. Por isso, construir uma relação de confiança e respeito é de extrema importância para a realização de coberturas desse porte e também para a realização de pautas corriqueiras, mesmo que o tempo não esteja a nosso favor.

Foi possível observar como o jornalismo ambiental e o jornalismo literário trabalham juntos e como eles os dois foram, e ainda são, criticados de determinada forma. Sendo eles uma especialização do jornalismo que nos é ensinado na universidade. Com o tempo, o modo que o jornalismo foi edificado tende a mudar e os seus padrões vão sendo rompidos e as novas formas de se ver e pensar a profissão começaram a tomar mais conhecimento.

Com os relatos das jornalistas, foi possível perceber como elas se sensibilizaram com toda aquela situação. Suas obras surgiram simplesmente pelo fato da falta de esclarecimento das autoridades para com as vítimas. Os livros e a reportagem, servem de certa forma como memória, para que acidentes dessa magnitude não venham a ocorrer.

Por fim, observo que o jornalismo deve ter mais foco com esse tipo de cobertura jornalística e dar mais enfoque para as suas fontes. É importante realizar ainda mais pesquisa sobre como os profissionais da área tratam os seus sentimentos após realizarem uma cobertura de tal magnitude. Existem poucas pesquisas que mostram como os jornalistas se sentem ao presenciarem eventos catastróficos e como os mesmos trabalham esses sentimentos em si. O jornalismo deve vibrar em uma mesma frequência em todas as suas esferas e o ele deve ser ainda mais respeitado pela sociedade.

REFERÊNCIAS

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, Memória e História no Jornalismo Brasileiro. **Mana [online]**. 2011, vol.17, n.2, p. 233-269. ISSN 0104-9313. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 15, p. 33 - 44, 2007.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**. Brasília: Casa das musas, 2010

DIEGUEZ, Consuelo. A Onda. Revista Piauí, [S. l.], p. S/P, 5 jul. 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/a-onda/>. Acesso em: 1 jan. 2021.

CORRÊA, Fabíola; CLAUDINO, Lorena; COSTA, Suanny. História do Jornalismo no Brasil E no Pará, da Colônia à República Velha. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE**. 2007. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/R0246-1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 62-83.

DUVANEL: DUVANEL, Talita. **O texto com um parafuso a mais: o jornalismo narrativo na Revista Piauí**. 2009. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2268/1/TDuvanel.pdf>> . Acessado em: 20 dez. 2020.

EU SOU FAMECOS PUCRS. **Entrevista**: João Moreira Salles sobre a revista Piauí. 2009, s/p. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TrYM8TiR6yw&t=18s>>. Acesso em: 27 de dez. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Penso Editoria, 2012.

FREELANCER: entenda como atua esse tipo de profissional. [S. l.], 4 out. 2019. Disponível em: <https://blog.nubank.com.br/o-que-e-freelancer/>. Acesso em: 22 dez. 2021.

GADRET, Débora Lapa. A emoção no jornalismo e organização do enquadramento. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, XIV, 2016. Palhoça. **Anais eletrônicos** [...] Palhoça, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/A_emocao_no_jornalismo_e_a_organizacao_d.pdf> Acesso em: 06 de fev. 2022.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, p. 131-152, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewArticle/2972>>. Acesso em 31 dez. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

JACOBI, Pedro. Meio ambiente e sustentabilidade. **Revista de Desenvolvimento e Meio**, edição especial, p. 175-183, 1999. Disponível em: <<http://franciscoqueiroz.com.br/portal/phocadownload/desenvolvimento%20sustentavel.pdf>>. Acesso em: 31 dez 2020.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul-Manual de Comunicação. Edusp, 1997. p. 1-99. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Pt0eIrBMD1qC&oi=fnd&pg=PA15&dq=defini%C3%A7%C3%B5es+de+jornalismo+&ots=sn7Mo5PWpM&sig=IFPNuMfbsquCpt_YkAh-hnPZpEq#v=onepage&q=defini%C3%A7%C3%B5es%20de%20jornalismo&f=false>. Acesso em: 5 jan. 2021.

LOOSE, Eloisa. **Jornalista Ambiental em revista**: das estratégias aos sentidos. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2010.

MACHADO, Márcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto: revista do mestrado da comunicação UFRGS**. Vol. 1, n. 14 (jan./jun. 2006), p. 1-11, 2006. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26572>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 21ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: <<https://cutt.ly/8jluxl3>>. Acesso em: 20 dez. 2020

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7731125638559101947920017565822289602.pdf>>. Acesso em: 1 jan. 2021

PIAUI. Sobre nós. 2020, s/p. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 27 dez. 2020.

PONTES, Felipe Simão. **Teoria e História do Jornalismo: desafios epistemológicos**. 2009. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/93007/272302.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 10 jan. 2021.

SAGGIORATTO, Julia. **Sobre Jornalistas-Militantes**: Formação, participação e jornalismo em movimentos sociais. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo – Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, 2017.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 – A pesquisa científica. In: SILVEIRA, D. T.; GERHARDT, T. E. (orgs). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS Editoras, 2009. p. 31-42.

TV BRASIL. **João Moreira Salles é entrevistado no Observatório da Imprensa**. 2015, s/p. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q7-w59P-dZs&t=2256s>>. Acesso em: 27 dez. 2020.

VILLAR, Roberto. Jornalismo ambiental-evolução e perspectivas. **Porto Alegre: Agir Azul na Rede**, 1997.

XAVIER, Marcella Carvalho Pimenta. **Notícias de um autorretrato**: o jornalismo humanizado no profissão repórter. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em comunicação social - habilitação: jornalismo) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS, Brasília, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.

APÊNDICE A - MODELO DE E-MAIL ENVIADO PARA AS FONTES

Estimada _____,

Espero que você esteja bem e com saúde.

Me chamo Jeferson Matielo, sou acadêmico do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen (RS). Meu Trabalho de Conclusão de Curso discute como jornalistas assimilam e elaboram sua experiência com o sofrimento e com situações de catástrofes ambientais no contato com vítimas e testemunhas desses acontecimentos. A orientação é do professor Reges Schwaab.

No trabalho, meu foco são jornalistas que assinam reportagens ou livros-reportagens sobre a catástrofe ambiental de Mariana.

Metodologicamente, a pesquisa se ampara em entrevistas com esses profissionais. A partir de levantamentos preliminares, observei que você foi autor(a) de reportagens que integram o corpus de pesquisa. Por isso, gostaria de solicitar uma entrevista, para que conversemos sobre o desenvolvimento do seu livro-reportagem, a experiência com as vítimas e as testemunhas e a vivência no ambiente das catástrofes.

Mesmo que haja sua identificação no livro, podemos trabalhar com nomes fictícios em minha pesquisa, como forma de preservar a sua identidade, se for mais conveniente.

Em havendo seu aceite, a entrevista pode ser realizada por vídeo-chamada (Google Meet), por e-mail ou por áudio no Whatsapp.

Agradeço desde já sua atenção.

Abraço.